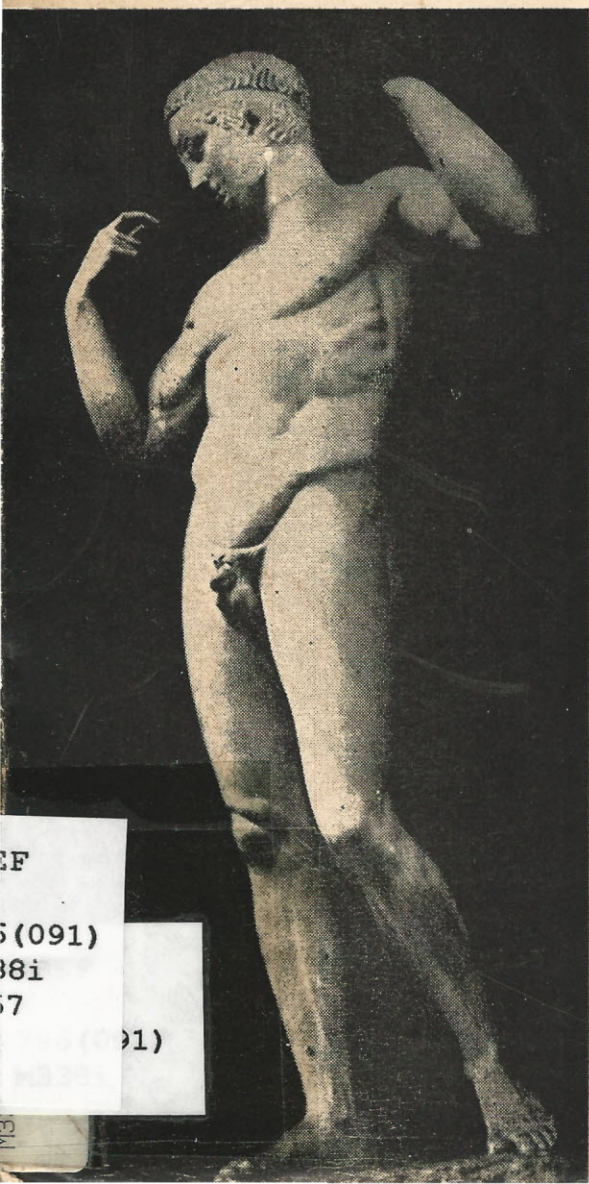


INEZIL PENNA MARINHO

INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DA XIV OLÍMPICA DE PÍNDARO

«Píndaro es la revelación de una
grandeza y una belleza distantes pero
dignas de veneración y de honor.»

Jaeger — «Paidéia» — I,125



EF

6 (091)

88i

7

(91)

Rio

1957

*Do
meu amigo
galgier, nasceu um
dema de Píndaro no
Rio Grande do Sul, com
um
uma tia! abraço ofe*

INEZIL PENNA MARINHO

INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

DA

XIV OLÍMPICA DE PÍNDARO

*rec.
Inezil P.
sem 11/5/57.*

RIO DE JANEIRO

1957



Cabeça de Cariátide (550 a.C. — Museu de Delfos)

Arte arcaica das Ilhas

(«Les Trésors de Delphes» — G. de Miré et P. de la Coste-Messelière).

UFRGS - ESEF
BIBLIOTECA

F : nº 584
Obra nº 746
Data 27.04.87

Cham. nº

4
506 (09)
43381

N 55:474214

*À memória de meu pai, Cônsul Hdefonso
Ayres Marinho, que me iniciou nos se-
gredos da arte poética, dedico êste tra-
balho.*



O templo denominado **Basilica de Paestum**, símbolo arquitetônico da época arcaica.

Píndaro está, entre nós, quase desconhecido. Clamorosa injustiça ao poeta lírico que, na Grécia, tanto enaltecera os Jogos Olímpicos, Píticos, Nemeus e Istmicos, acontecimentos da maior significação na vida cultural do povo grego. Juntamente com Homero e Hesíodo, representa o que de mais expressivo nos legou a civilização grega antes da áurea época de Péricles.

Depois de restabelecidos, em 1896, os Jogos Olímpicos, ainda maior se tornou a dívida dos povos contemporâneos para com Píndaro, que dedicara sua vida, talento e inteligência a cantar e perpetuar, através milênios, os feitos e os nomes dos heróis gregos, vencedores nas lides desportivas.

Foi com grande surpresa, pois, que, na peregrinação que realizámos pelas principais bibliotecas do país e nas pesquisas bibliográficas que depois levámos a efeito, nenhuma obra em língua portuguesa encontrámos, simples tradução que fôsse. Mais grave ainda: mesmo em outras línguas, nossas principais bibliotecas se apresentavam paupérrimas relativamente a Píndaro, tornando, portanto, penosíssimo qualquer trabalho a seu respeito (1). Uma paciente busca nas livrarias do Rio, São

(1) — Nas Bibliotecas do Departamento Administrativo do Serviço Público, do Ministério da Educação e Cultura, da Reitoria da Universidade do Brasil e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Píndaro nem figura no fichário. Na Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, existe apenas a obra de Édouard des Places, S.J. — “Pindare et Platon” — Paris — MCMXLIX — Cat. 884.5 — D 469.

Na Biblioteca Nacional encontrámos: “Píndare” par Aimée Puech — Paris — 1922 (4 vol) — Cat. 884-8648 a 14. “Oeuvres Complètes de Pindare” par C. Poyard — Paris — 1902 — Cat. 884-0648 a 4. “La Poésie de Pindare et Les Lois du Lyrisme Grec” par Alíred Croiset — Paris — 1880 — Cat. 921 — 8648 c. “Le Pronom chez Pindare — Recherches Philosophiques et critiques” par Édouard des Places, J.S. Cat. 356, 7, 1.

A Biblioteca Municipal de São Paulo, em sua Seção de Livros Raros, nos oferece: “Píndarus — Le odi” — Versione con note di Emilio Albani — Como, Giorgetti — 1862 — Cat. 884.5-P3. “Le odi Pindaro” — Teste versione e commento di Luigi Cerrato — Sestri Ponente — Bruzzone — 1918 — Cat. 884.5-P4. “Pindare” — Aimée Puech — Paris 1923-1931 — 2e. ed. — 4 vols. — Cat. 884.5-P.6.9 “Oeuvres Complètes de Pindare” C. Poyard — Paris — 1902 — Cat. 884.5-P5 — “Píndari poetae Vervstissimi, Lyricorum facili principis, Olympia, Pythia, Nemea, Isthmia” — Per Loan Loniceru — Apud Andream — Basiliae. “Les Pythiques” — par une société de professeurs et d'hellenistes — Hachette — Paris — 1887 — Cat.

Paulo, Salvador e Buenos Aires e Rosário (Argentina) e algumas encomendas e editôras européias, permitiram-nos a bibliografia de que nos valem, na qual, infelizmente, não pôde figurar nenhuma obra em nosso idioma.

Assim, este trabalho, ao qual procuramos emprestar mais caráter histórico do que literário, possivelmente o primeiro que sobre Píndaro se escreve em língua portuguesa, tem, talvez, por único mérito, focalizar em nosso meio cultural, sobretudo universitário, a importância da obra de Píndaro e a popularidade de que gozava na primeira metade do século V a.C.

A viagem que realizamos à Grécia, em 1953, permitiu-nos pisar a mesma terra por onde passara Píndaro, estar em lugares onde também ele estivera, sentir aquelas ruínas de rara mística impregnadas, como se delas transcendesse o lirismo que com tanta beleza cantara. Como em outra oportunidade já tivemos o ensejo de afirmar (2), esses resquícios, que para muitos poderiam parecer apenas mármore carunchoso e carcomido pelo tempo, cresciam para nós de significação, porque neles venerávamos a sabedoria de um Sócrates, o espírito de um Platão, a inteligência de um Aristóteles, a imaginação de um Eurípedes, a arte de um Fidias...

... e a poesia de um Píndaro!

884.5-P10. "La Poésie de Pindare et les Lois du Lyrisme Grec" — A. Croiset — Hachette — Paris — 1880 — Cat. 880-9-C6. "Quis et qualis Pindarus Moralium" — Pierre Montée — Parisus — Durand — 1860 — Cat. 880.9-M.7.

Aproveitando uma estada em Rosário (Argentina), aí encontramos:

Na Biblioteca da Escola Normal de Profesoras N.º 1, Dr. Nicolás Avellana — "Obras de Píndaro" — Versión castellana de Tomás Meabe — Paris — Cat. Literatura Griega.

Na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras y Ciencias de la Educación — "Pindare" par Aimée Puech — Paris — 1949 — (4 vol) Cat. 88-4P. "Píndaro — Olímpicas" — Tr. de Manoel Fernandez-Galiano — Madrid — 1944 — Cat. 88-48. "Píndaro — Himnos Triunfales" — Trad. de Agustín Esclasans — Barcelona — 1946 — Cat. 88-48.

Na Biblioteca Argentina Dr. Juan Alvarez: "Odas de Píndaro" — Trad. de D. Ignacio Montes de Oca — Madrid — 1893 — Cat. A 8365.

(2) — Discurso de Paraninfo, pronunciado no Salão Dourado da Câmara Municipal do Distrito Federal, em 17 de dezembro de 1953.

PROLEGÔMENOS

Pindarum quisquis studet aemulari,
Iulle, ceratis, ope Daedalea,
nititur pinnis, vitreo daturus
nomina ponto

(Horacio, Odes 4-2-1)



Atleta coroando-
se. (470 a.C. —
Museu Nacional
de Atenas.

«L'un des moments les plus démonstratifs du passage de l'archaïsme au naturalisme classique. Recherche d'une transition naturelle entre un volume oblique et un volume parallèle au fond du relief.»

(«La Sculpture Grecque» — J. Charbonneaux).

Desde as mais remotas eras, o povo grego estivera dividido em tribos, cada qual falando sua própria língua. O *eólico*, o *dórico* e o *jônico* constituíram os principais dialetos por intermédio dos quais nos chegou a sua admirável cultura.

Assim, o eólico, usado pelos Eólios, difundiu-se principalmente na Asia Menor, Beócia e Tessalia e nêle escreveram suas poesias Alceu de Mitilene e Safo de Lesbos.

O *dórico*, falado pelos Dórios, sobretudo no norte da Grécia, no Peloponeso, em Creta e numerosas colônias dóricas, como a Sicilia e Magna Grécia, caracterizou-se por ser utilizado para exprimir a poesia lírica de Píndaro e a bucólica de Teócrito; algumas formas dóricas foram ainda empregadas nos coros das tragédias.

O *jônico*, próprio da tribo jônica, falado na Asia Menor, Ática, numerosas ilhas e colônias jônicas, foi o que primeiro serviu à poesia, dêle se originando três dialetos entre si muito afins, dos quais os dois primeiros são conhecidos sob a denominação comum de jônico:

— o *jônico antigo* ou *épico*, encontrado nas poesias de Homero e Hesíodo;

— o *jônico moderno*, em que estão escritos os nove livros históricos de Heródoto;

— o *ático* — o mais rico e o que traduz todo o esplendor cultural de Atenas; os trágicos Ésquilo, Sófocles e Eurípides, o cômico Aristófanes, os historiadores Tucídides e Xenofonté, o filósofo Platão, os oradores Lísias, Demóstenes e Ésquines escreveram suas obras neste dialeto, que se tornou o mais importante e o mais difundido.

Apesar de haver Atenas perdido a hegemonia da Grécia, o dialeto *ático* continuou sendo a língua de que se valiam as

maiores expressões da cultura grega, mas, paulatinamente, foi cedendo lugar ao chamado grego comum, que, no século III a.C., d'ele deriva.

Aristóteles pode ser considerado um marco dessa separação entre o dialeto ático e o grego comum e Políbio, Plutarco, Arriano, Dion Cassio (historiadores), Estrabão (geógrafo), Dionísio de Halicarnasso e Luciano (retóricos), que lhe são posteriores, usaram-no em suas obras (3).

A língua grega, segundo Laurand e Lauras (4), apresentava excepcionais características, que podem ser assim resumidas: muito *rica*, capaz de bem exprimir as múltiplas idéias d'este povo de espírito vivo e pesquisador (grande número de palavras, facilidade de formar indefinidamente expressões compostas); *clara*, graças à multiplicidade das formas e à flexibilidade da sintaxe, apta a discussões filosóficas as mais profundas e sutis: *sonora* e *harmoniosa*, contribuindo a beleza musical poderosamente para a riqueza da poesia e mesmo da eloquência; *simples*, livre de entrave na construção, a ordem das palavras permitia à idéa mover-se sem esforço; *delicada* (especialmente graças às partículas), com formas de expressão para certas nuances muito finas do pensamento, que as línguas modernas dificilmente podem oferecer.

A poesia foi a forma primitivamente escolhida para exprimir o pensamento, fazer descrições, narrar heróicos feitos. Não apenas, entre os gregos, Homero, Hesíodo e Píndaro a usaram em suas obras, mas também numerosos filósofos dentre os quais poderíamos citar Pitágoras com os seus "Ver-

(3) — "Gramática Griega" — Jorge Curtius — Edición en castellano de Viteruán E. Centurión — Ediciones Desclée, de Brouwer — Buenos Aires — 1951.

(4) — L. Laurand et A. Lauras — "Manuel des Études Grecques et Latines" — Fascicule II — "Littérature Grecque" — Editions A. et J. Picard et Cie. 11 édition — Paris — 1956. "Manuel des Études Grecques et Latines" — L. Laurand — Tome I — Paris 1953 — Págs. 99 e segs. V. também: "La lengua griega" in "Introducción a la Lingüística Griega y Latina" — P. Kretschmer — Instituto Antonio de Nebrija — Madrid — 1946 — Págs. 138 e segs. "La lengua griega" in "Compendio de Fonética Griega" — E. Fleury — Bosch, Casa Editorial — Barcelona — 1951 — Pág. 9 e segs.

sos áureos” (4a), Heráclito com “As Musas” (4b) ou Parmênides com seu famoso “O caminho do conhecimento” (4c).

Ainda no dizer de Laurand e Lauras, a poesia é, em geral, a intermediária entre a prosa e a música. A prosa dirige-se sobretudo à inteligência e expressa prontamente as idéias; a música não se exprime precisamente, mas encanta por meio do ouvido e interpreta os sentimentos com admirável pujança. A poesia pode traduzir as idéias tão precisamente como a prosa, mas menos fortemente que a música.

A poesia lírica está constituída sobretudo pela expressão dos sentimentos pessoais. O poema lírico é, quase sempre, mais curto que a epopéia ou o drama e se serve de ritmos mais variados. Entre os gregos, a poesia lírica estava intimamente unida a outras artes: servia-se da música e da dança.

A maior parte dos poemas gregos destinava-se a ser cantada com acompanhamento. As palavras não estavam escrivizadas à música, como às vêzes acontece em nossos dias, mas, ao contrário, esta as ressaltava, aumentava seu poder, exprimindo por meios próprios os sentimentos que sugeriam. A música grega é simples, pura, nítida e grave; canta-se de ordinário em perfeita concordância. A melodia é nobre e delicada, menos rica e menos apaixonada que modernamente. No acompanhamento, utilizam-se principalmente dois instrumentos: a lira (ou *phorminx* ou cítara), de início com quatro cordas, depois sete, mas sempre instrumento um pouco alongado; a flauta, mais sonoro, mas que parece fraco em comparação com os instrumentos hodiernos. (4d).

Muitos poemas líricos estavam reservados a ser não somente cantados, mas dançados. A dança grega era muito

(4a) — “Historia de la Literatura Griega” — Quintino Cataudella — Trad. de Ana Maria de Saavedra — Editorial Iberia — Barcelona — 1954 — Pág. 81.

(4b) — Idem, pág. 116.

(4c) — “The Oxford Book Greek Verse” — At the Clarendon Press — Oxford — 1951 — Pág. 245.

(4d) — Para a descrição desses instrumentos musicais e os seus efeitos, V. “História Universal de los Instrumentos Musicales” — Curt Sachs — Centurión — Buenos Aires — Págs. 12-21 e 123-144.

bela e expressiva, por vêzes imitativa: os gestos dos dançarinos representavam uma ação. Frequentemente todos os coristas tomavam a mesma atitude; o efeito do conjunto era então de raro poder (4e).

Outras vêzes havia mais variedade, mas, assim mesmo, reinava harmonia. A lentidão ou rapidez dos movimentos, regulada pelo ritmo das palavras e da música, contribuía também para a expressão dos sentimentos. Ao mesmo tempo, a graça das evoluções, acompanhadas pelo côro, deslumbrava o senso estético.

O lirismo grego unia à poesia a harmonia do espaço (dança) e do tempo (música); era uma das mais perfeitas formas do belo.

* * *

Sob a denominação de lirismo coral, estão reunidos os cantos executados por coros com música e dança. As formas de poesia, que pertencem a êste gênero, são:

- a) — *peã*, canto grave em honra a Apolo;
- b) — *hiporquema*, canto religioso, dum ritmo vivo, acompanhado de dança;
- c) — *partênios*, canto de procissão executado por um côro de moças;
- d) — *ditirambo*, côro tumultuoso em honra a Dionísio, canto apaixonado, entusiasta, alegre ou sombrio, dança rápida;
- e) — *hino*, canto em honra dos deuses ou, em algumas vêzes, dos heróis;
- f) — *encômio*.

O *encômio* (ou elegia) designa tôda espécie de canto no qual se faz o elogio de alguém, mais particularmente todo canto executado ao fim de um banquete em honra do anfitrião. Havia duas formas principais: o *treno coral*, espécie de oração fúnebre em verso e o *epinício*, canto de triunfo em honra dos vencedores dos jogos pan-helênicos. Dêstes últimos, são as odes de Píndaro o mais lindo exemplo.

(4e) — Para uma idéia sôbre as características da dança coral, v. "Historia Universal de la Danza" — Curt Sachs — Ediciones Centurión — Buenos Aires — Págs. 249-257.

P Í N D A R O

“Reverenciaba cuanto era cosa del pasado, y sus odas corales son una supervivencia magnífica, en tiempos cuyo arte característico es más bien la tragedia ática”.

(Bowra — “Historia de la Literatura Griega”)



—
 A eterna Grécia
 —

Eis o cenário dos Jogos Gregos, nos quais Píndaro se inspirou para a composição de suas indelévels odes:
 Olímpica e Pisa para os Jogos Olímpicos.
 Delfos para os Jogos Píticos.
 Cleone e Flionte para os Jogos Nemeus.
 Istmo de Corinto para os Jogos Istmicos.

Sua época

"... el siglo V fué menos rico que el siglo VI en cuanto a la poesia lírica considerada como arte independiente. Píndaro representa la transición entre ambas etapas porque hereda y mantiene la forma lírica pero la llena de dramática magnificencia".

Will Durant — "Vida de Grecia", II, 9".

A época de Píndaro está representada pelos últimos anos do século VI e mais da metade do século V a.C. Para bem sentir a magnitude de sua obra, indispensável se torna situá-lo no tempo em que viveu, isto é, no limiar do esplendor alcançado pela cultura clássica grega.

Do ponto de vista filosófico, Píndaro pertence ao período pré-socrático. As idéias de Tales (624-546), Anaximandro (610-547) e Anaximenes (588-524), mesmo depois da destruição de Mileto (494 a.C.), ainda se estenderam a outras cidades, pois a vida intelectual se trasladara às florescentes colônias de Magna Grécia e Sicília (5). Pitágoras (480-410), Xenófanes (580-489), Parmênides (540-?) e Heráclito (535-475), anteriores ao nascimento de Píndaro e Anaxágoras (499-428), Zenão, (490-430), Empédocles (490-430), Leucipo (?-?), imediatamente posteriores, caracterizam o movimento filosófico contemporâneo de Píndaro (6). A segunda metade do século

(5) — Émile Bréhier — "Historia de la Filosofía" — Trad. por Demetrio Náñez — Editorial Sudamericana — Buenos Aires — 1944.

(6) — Xenófanes levanta contra a educação corporal a educação espiritual, estabelecendo o conflito *desporto x espírito*. Não sente, como Píndaro, a beleza de cada vitória olímpica e protesta contra os prêmios e festas em honra aos vencedores das corridas a pé ou de carro. E exclama: "A cidade cobre os vencedores das lutas de honras e presentes e, no entanto, nenhum deles é tão digno

V é dominada pelos sofistas, dentre os quais Protágoras (480-410) ocupa lugar de relevo (7).

Píndaro nasceu quase uma década após a morte do tirano Pisistrato (527), que reinou pacificamente em Atenas, pela segunda vez, de 538 a 528, protegendo as indústrias e as artes, construindo os templos de Apolo e Jupiter Olímpico e ordenando um novo levantamento da obra de Homero. A revolta dos Jônios (500), a destruição de Mileto (494), a invasão da Trácia (492), a batalha de Maratona (490), sob o reinado de Dário (521-485); a invasão da Tessália, a defesa das Termópilas e a batalha de Salamina (480), as vitórias de Platéia e Micale (479), sob o reinado de Xerxes (485-465); a capitulação de Tebas (479), o nascimento de Sócrates (470), as mortes de Téron de Agrigento (472) e de Hierão de Siracusa (466), ainda as vitórias de Cimon (466) e de Salamina de Chipre (449) sobre os persas, a libertação de Tebas do jugo ateniense com a batalha de Coronéia (447), a revolta de Eubéia e a invasão da Ática, pelos espartanos (445), foram os

quanto eu, pois melhor que a força dos homens e dos cavalos é a nossa sabedoria. Só um falso costume nos permite julgar assim. Não é justo preferir a simples força corporal à sabedoria" (Jaeger — Paideia, I, 195). Platão personifica o equilíbrio entre corpo e espírito, pois, segundo Apuleio, fez tantos progressos no exercício da luta, que disputou o prêmio nos Jogos Píticos e nos Istmicos (De dogmate Platonis).

E não apenas os atletas gozavam de grande prestígio, mas também os instrutores que preparavam os campeões olímpicos. Melésias, em cujo louvor canta Píndaro (01. VIII, 71 01. XI, 21 e s.) teve, entre seus discípulos, mais de trinta vencedores. Os cidadãos que o Estado nomeava *ginasiarcas* dispunham de grande poder, inclusive para expulsar dos ginásios sofistas, retóricos e filósofos se julgassem nefasta a influência de sua doutrina sobre a juventude. Como diz Burckhardt, foi a ginasiarquia, que era muito custosa, em Atenas, sobretudo ao tempo da guerra peloponésica (431-404), um meio de alcançar a popularidade (Jacob Burckhardt — "Historia de la Cultura Griega" — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1947 — (5 vols).

(7) — Wilhelm Windelband — "La Filosofía de los Griegos" — Versión española por Francisco Larroyo — Antigua Librería Robredo — México — 1948 — Charles Werner — "La Philosophie Grecque" — Payot, Paris — 1946. Alfredo Weber — "Historia de la Filosofía Europea" — Traducida por Manuel Núñez de Arenas — Daniel Jorro, Editor — Madrid — 1914.

principais acontecimentos políticos que ocorreram durante as oito décadas que Píndaro viveu (8);

A história da arte grega compreende quatro grandes períodos: o *pré-helênico*, do ano 3.000 a 1.200 a.C. e abrange a arte das ilhas do mar Egeu, sobretudo de Creta; o *arcaico* vai do século XII ao VI, quando começam a definir-se os dois grandes estilos, o dórico e o jônico (9); o *clássico*, que assinala o esplendor da arte grega, representado pelos séculos V e IV; finalmente, o *helenístico*, em que a arte se separa da religião, compreendido entre as grandes conquistas de Alexandre e a organização do Império Romano (10). Píndaro viveu entre o fim do período arcaico e o início da época clássica e os escultores, seus contemporâneos, mais expressivos, foram: Cálamis ou Calâmides entre cujas obras figuram a Victoria Apta e estátuas de Apolo, Afrodita e Jupiter; Pitágoras, autor de Filoctetes Ferido e a quem se atribui o célebre bronze denominado o Auriga de Delfos; Miron, criador do Discóbulo, símbolo da Educação Física, juntamente com o “Mens sana in corpore sano”, de Juvenal (11); Policleto (12),

(8) — Para a descrição das guerras contra os persas: Heródoto — “Los Nueve Libros de la Historia” — Traducción por el P. Bartolomeu Pou, S.I. — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1955 — (2 vols). Pausanias — “Description of Greece” — Translated by W.H.S. Jones — William Heinemann Ltda. — London — MCMLIV — (5 vols). Jenofonte — “Historia Griega” — Versión de Juan B. Xuriguera — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1956 (2 vols). Plutarco — “Vidas Paralelas” — Traducción de Antonio Ranz Romanillos — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1951 — (4 vols).

(9) — O estilo dórico se estendeu fora do Peloponeso por toda a Grécia e pela Sicília e Itália meridional; eram dóricos, exemplo, os templos do século VI da Acrópolis de Atenas, o Heraión de Olímpia, constituindo o templo dórico de Assos, na Asia Menor, uma exceção. O estilo jônico imperava na Asia Menor e nas ilhas, até Lícia para o sul, e as construções reais de Persépolis e de Susa caracterizam claramente a influência da arte jônica (Ulrich Wilcken — “Historia de Grecia” — Ediciones Pégaso — Madrid — 1951).

(10) — “Histoire Générale de l’Art” — Flammarion — Paris — 1950.

(11) — “Orandum est ut sit mens sana in corpore sano” — in Satira X, 356 — “Juvenal and Persius” — by G.G. Ramsay, LL. D., Litt. D. — William Heinemann Ltda. — London — MCML. “Juvenal — Satires” — Pierre de Labriolle Villeneuve — Societé d’éditíon “Les Belles Lettres” — Paris — 1951.

(12) — Policleto observou que os corpos humanos bem proporcionados e harmoniosos tinham sete vezes a altura da cabeça, medida da base do queixo

de cujo cinzel saíram obras famosas como o Doríforo, estátua de um jovem lanceiro, chamada o *canon* ou medida porque o seu próprio autor escreveu um tratado sobre as proporções do corpo humano, com relação a esta estátua, e o Diadúmenos, que representa um jovem, depois de uma corrida, pondo na frente a coroa de triunfo (13); Fídias, que personifica a arte grega completa e concede às divindades, no dizer de Gauthier (14), uma expressão inimitável de nobreza e majestade, o primeiro que utiliza a forma e os movimentos para a expressão do pensamento, mas que, na opinião de Sheldon Cheney, assinala o início de um longo declínio (15). Dentre os pintores, também contemporâneos de Píndaro e dos quais há poucas informações, poderemos destacar Polignoto de Tasus, célebre pela sua pintura mural, Micon, Agatarco de Samos, precursor da cenografia, e Apolodoro o ateniense, que mereceu ser chamado *skiágraphos* (pintor das sombras) pela arte com que soube reproduzir o claro-escuro. (15a).

A literatura foi fértil em nomes que atravessaram 25 séculos e que, ainda hoje, são admirados. À sua geração seguiu-se a de Alceu de Mitilene (16), Safo (17) e ainda encon-

ao alto do crânio (Carlos Cavalcanti — Curso de História da Arte — Faculdade Nacional de Filosofia).

(13) — Enquanto Míron buscava a ação, os gestos e a atitude, Policleto procurava a beleza do tipo físico ideal.

(14) — Joseph Gauthier — “História Gráfica del Arte” — Traducción de S. Sanchez Galvete — Editorial Victor Leru — Buenos Aires — 1950.

(15) — Cheney, S. — “A World History of Art”.

(15a) — V. também “La Escultura Antigua” — Pedro Paris — Trad. por el Visconde de Palazuelos — Editorial Schapire — Buenos Aires — 1945 — Págs. 99-281. “L’art en Grèce” — in “Manuel des Études Greques et Latines” — L. Laurand — Tome I — Pág. 51.

(16) — Fins do século VII e princípios do século VI. Diz-se que escreveu, em metro alcaico e dialeto eólico, dez livros de poemas, dos quais apenas se conservam alguns fragmentos; é citado por Píndaro e Horácio.

(17) — Nascida em Lesbos (628 ou 620-568 ou 563) tinha em Mitilene uma espécie de internato e escola de música, dança e poesia, onde viviam donzelas das mais notáveis famílias do país; disto e da ternura da poetisa, que consegue as mais delicadas expressões líricas no seu culto à beleza, tem-se querido deduzir a espécie das perversões sáficas ou lesbicas. Os gramáticos alexandrinos dividiam em nove livros as produções de Safo, ilustre criadora da estrofe de seu nome tão imitada pelos latinos, especialmente por Catulo e Horácio. Os fragmentos que conservamos são muito escassos e os mais importantes são a ode “A Afrodita” e o canto “O Amado”.

trou Anacreonte (560-478), cujo gênero literário e poético foi famoso na antiguidade a ponto de seus imitadores produzirem séries de Odes que, durante muito tempo, lhe foram indevidamente atribuídas (18). Os principais poetas contemporâneos de Píndaro são: Lasos de Hermíone, também músico, seu mestre, a quem se atribui um dos primeiros tratados sobre música, tendo aperfeiçoado e transformado o diírambo, e é autor de um Hino a Demétrio; Corina (19), poetisa lírica, mestra e rival de Píndaro; Simônides de Ceos (556-458), cantou os grandes acontecimentos da luta de sua pátria contra os persas e, em uma elegia que lhe valeu a vitória numa competição com Ésquilo, celebrou a batalha de Maratona; Baquilides (470-?), também rival de Píndaro, sobrinho de Simônides e de cuja obra só se conheciam cerca de cinquenta fragmentos até que, em 1896, foi descoberto um papiro egípcio, com dezenove composições, algumas incompletas, mas outras integras (20); Timocreonte, cuja fama se deve à mordacidade de seus escritos e aos ataques realizados contra Temístocles e Simônides. Dentre os historiadores, cabe destacar Heródoto (484-425), chamado por Cícero o *pai da História* (21) e Tucídides (490-396), aparentado de Milcíades, discípulo de Anaxágoras e Antífonte e autor de "História da Guerra do Peloponeso". No domínio das ciências, Píndaro ainda foi contemporâneo de Hipócrates (460-396), que se tornaria o símbolo da Medicina.

Os jogos pan-helênicos, apesar das guerras médicas, haviam alcançado, à época pindárica, talvez o seu apogeu. Como o afirma Jaeger (22), o ideal cavalheiresco do homem das olimpíadas mantinha-se imutável.

(18) — Também dêle só se conservam alguns fragmentos. A influência desse poeta grego sobre os tempos modernos foi grande especialmente na poesia neo-clássica do século XVIII e princípios de XIX.

(19) — Escreveu cinco livros em dialeto beócio, dos quais se conservam apenas os restos de três poemas.

(20) — Quase tôdas são epinícios de corte pindárico, com exceção de uma peã e um ditrambo, contendo relatos cenificados de mitos e lendas; é bellissimo o epinício intitulado *Fesou e os Jovens*.

(21) — Numa das suas leituras públicas, por ocasião dos Jogos Olímpicos, foi aplaudido por um jovem admirador: Tucídides, que tantas glórias mais tarde daria à sua pátria no gênero histórico.

(22) — Paidéia, I, 194.

Os principais Jogos Gregos que serviram de inspiração ao grande poeta tebano foram os Olímpicos (23), os Píticos (24), os Nemeus (25) e os Ístmicos (26). Píndaro seguramente terá

(23) — Os Jogos Olímpicos eram celebrados cada quatro anos em Pisa ou Olímpia, na Éiida, sendo dedicados a Júpiter. Sua origem mergulha na mitologia, atribuindo-se sua instituição a Hércules. Depois de uma longa interrupção, Ífitus, legislador de Esparta, restabeleceu-os no ano 776 a.C. As "Olimpíadas" converteram-se em era comum para tôda a Grecia, servindo de base à sua cronologia. Aos Elidenses, em cujo país se celebravam os ditos Jogos, cabia a honra de presidí-los e a recompensa aos vencedores era um ramo de oliveira. Ao tempo de Píndaro, as provas a que, em Olímpia, se concediam prêmios eram: a corrida a pé, o duplo estádio, a luta, o pentatlo (considerado o desporto mais completo e compreendendo a corrida, o salto, o disco, o dardo e a luta), o cesto, o pugilato, o pancrácio (reunião da luta e do pugilato), a corrida armada, a corrida de carros e a corrida de cavalos ensilhados. Havia também provas infantís, inclusive pugilato e pancrácio, como testemunham as estátuas aos meninos vencedores descritas por Pausânias (ob. cit. n.º 8). A corrida de carros era a prova mais emocionante e Píndaro conta que em uma delas viraram quarenta carros, saindo Carroto ileso (Pit. V, 65). Para um estudo mais detalhado dos Jogos Olímpicos, ver a obra de R. Valois "Les Origines des Jeux Olympiques" — (RÉA — 1926).

(24) — Os Jogos Píticos, celebrados em Delfos cada quatro anos, em honra a Apolo vencedor da Píton, eram os mais solenes depois dos de Olímpia. Sua instituição é atribuída a Agamêmnon, a Diomedes, a Anfictião e até mesmo a Apolo. Primeiramente disputavam-se os prêmios da lira, da flauta e do canto; depois foram acrescentadas provas atléticas como em Olímpia. De início as recompensas foram em dinheiro, depois ramos de carvalho e finalmente coroas de louros. Para maiores detalhes ver "Les Jeux" in "Pythiques", de Aimée Puech — Paris — 1951.

(25) — Os Jogos Nemeus eram celebrados entre Cleone e Flionte, numa planície da Argólida, em que teriam pastado os bois sagrados de Juno. Os chefes do exército de Adrasto, antes de marchar contra Tebas, instituíram tais jogos em honra de Arquemoro, filho do rei Licurgo, morto por uma serpente enquanto sua mãe ensinava a Adrasto o lugar por onde passava um córrego. Mais tarde, Hércules, que matara um leão no bosque vizinho, substituiu o aspecto fúnebre pela comemoração de sua vitória. Os Jogos Nemeus celebravam-se cada tres anos e o vencedor recebia uma coroa de mirto. Para mais detalhes ver "Les Jeux" in "Néméennes", de Aimée Puech — Paris — 1952.

(26) — Os Jogos Ístmicos deviam o seu nome ao istmo de Corinto, onde eram celebrados, perto do templo de Netuno e de um bosque de pinheiros que lhe estava consagrado. Foram instituídos por Sísifo, no século XIV a.C., em honra a Melicerto, filho de Atamante, rei de Orcômeno, cujo corpo foi levado

assistido a grande número de jogos, sobretudo: da 73.^a Olimpíada, realizada em 488, até 82.^a no ano 452, datas em que estão compreendidas as suas Olímpicas; dos 22.^o (503) aos 33.^o Jogos Píticos (458) aos quais são dedicadas as Píticas; os Jogos Nemeus de 480 a 450, a que se referem as Neméas e os Jogos Ístmicos de 480 a 456, a que são consagradas as Ístmicas (27). A sua primeira ode (28), quando ainda não tinha 20 anos, foi a Pítica Décima (503) e a última, mais ou menos aos 70 parece ter sido a Olímpica Terceira (452).

Os atletas de Píndaro, no dizer de Esclasans (29), possuíam a beleza particular de sua época e de sua raça; se contemplarmos as estátuas gregas que chegaram até nossos dias perceberemos o padrão de beleza masculina, que serviu de modelo aos seus triunfais hinos. As formas corporais dos vencedores podiam basear-se no *canon* escultural de Policle-

por um delfim às margens do istmo; interrompidos pelo bandoleiro Sinnis e depois restabelecidos por Teseu, que os dedicou a Netuno. Os coríntios tinham as honras de juizes e as provas eram as mesmas de Olímpia disputando-se ainda prêmios de poesia e de música. A coroa foi inicialmente de ramos de pinheiro, mas ao tempo de Píndaro era de mirto. Para maior fundamentação, ver "Les Jeux Isthmiques" in "Isthmiques", de Aimée Puech — Paris — 1952.

(27) — Para estudo das condições em que se realizava cada uma das principais provas dos Jogos Gregos, v. o cap. III ("L'Éducation Physique") da obra de H.I. Marrou "Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité" — Editions du Seuil — Paris — 1955 — 3eme édition. V. também o Vol. I, cap. IX, item IV (Juegos) de "La Vida de Grecia", de Will Durant — Traducción de Luis Tobio — Editorial Sudamericano — Buenos Aires — 1945 e "Les Enfants et l'Éducation" in "Manuel des Études Grecques et Latines" — L. Laurand — Tome I — Págs. 41 e segs.

V. também as características com as quais se processava a Educação na Grécia, consultando: "Historia de la Pedagogia" — Paul Monroe — Espasa-Calpe — Madrid — págs. 77 e segs. "Histoire de la Pédagogie" — René Hubert — Presses Universitaires de France — Paris — 1949 — págs. 16 e segs. "Historia de la Pedagogia" — August Messer — Editorial Labor S.A. — Barcelona — 1930 — Págs. 13 e segs. — "Histoire de l'Éducation" — François Guex — Payot & Cie., Editeurs — Lausanne — 1904 — Págs. 21 e seg.

(28) — É importante considerar que a ordenação das Olímpicas, Píticas, Neméas e Ístmicas não é cronológica.

(29) — Agustín Esclasans — "Himnos Triunfales" — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1946.

to. Nos Jogos tomavam parte os homens, os jovens imberbes (adolescentes) e os meninos. Píndaro conheceu os Jogos em seu apogeu e talvez esta seja a causa por que se converteu em seu cantor máximo de todos os tempos.

Por fim, há que considerar o aspecto profundamente religioso em que então vivia mergulhado o pensamento humano. O mito dominava tôda a cultura grega e a razão ainda não havia conseguido separar a crença, a religião, do pensamento puro (30). A filosofia ensaiava seus primeiros passos para consolidar-se no período clássico com Sócrates, Platão e Aristóteles. O próprio Píndaro, como veremos no item seguinte, ao apreciarmos sua vida, estava dominado pela influência religiosa, quer de sua cidade, quer de sua família. Os sacrifícios, as oferendas, as cerimônias, as festas, as próprias guerras, tudo dependia dos deuses, daí o grande número de suntuosos templos e a infinidade de estátuas que caracterizaram a liturgia em todos os atos e momentos da vida do povo grego, ao fim do VI e início do século V a.C. (31).

(30) — O conflito entre a filosofia e a religião constitui o cap. XVI do Vol. I de "La Vida de Grecia", de W. Durant.

(31) — Para uma impressão geral das principais instituições e condições de vida de Esparta e Atenas ao fim do século VI, quando nasceu Píndaro, v. Louis Halphen et Philippe Sagnac — "Les Premières Civilisations" — Presses Universitaires de France — Paris — 1950 (Chapitre IX) "Sparte et Athènes au VIe siècle". Jean Hatzfeld — "Histoire de la Grèce Ancienne" — Payot — Paris — 1950 — (Chapitre XII — "La Grèce et les grandes nations méditerranéennes a la fin du VIe siècle). Para os séculos V e IV, v. "La Vida de Grecia". I, 439 e s. de W. Durant.

S u a V i d a

Hospitalario con los extranjeros y amigo de sus conciudadanos tal era Píndaro, ministro de las Musas armoniosas.

Platón (Poesias-15)

Descendente da gloriosa raça dórica dos Égidas, filho de Daifanto e de sua mulher Cleódice, Píndaro pertencia a uma ilustre família. Nasceu em Cinocéfalos, às portas de Tebas, segundo alguns no ano 522 a.C. e segundo outros em 518. Consta ter tido um irmão chamado Eretimos. Foi educado segundo o antigo e severo costume dórico, que, um século mais tarde, Aristóphanes lamentaria não estivesse em uso na cidade de Atenas. Desde cedo, foi iniciado, possivelmente por seu pai, em certas práticas sacerdotais, que o familiarizaram com o esplendor dos templos e a magnificência das cerimônias litúrgicas, explicando-se assim certos aspectos de seu espírito tão ligado às coisas religiosas. Como os demais adolescentes de sua época, completamente desnudo sob o manto que o envolvia, mesmo no inverno mais rigoroso, Píndaro caminhava até a escola, entoando canções populares, compostas em ritmos muito simples, das quais era proibido trocar a menor palavra para não deturpar a tradição. Assim, o futuro poeta lírico prendeu-se à sua terra natal por um amor muito mais religioso do que cívico. Desde menino, habituou-se aos poemas épicos de Homero, aos versos de Hesíodo e a uma epopéia local denominada "A Tebaida". Destarte, Tebas foi sempre para Píndaro "a cidade do diadema de ouro, a do belo carro, a estátua mui santa", tão cantada em seus versos.

Segundo uma lenda, os deuses revelaram sua vocação, fazendo que as abelhas libassem o mel de seus próprios lábios, quando, rendido pelo calor e pelo cansaço, após um dia de caça, se encontrava dormindo no Helicón. Mas não basta-

va ter vocação, pois a arte lírica, ao tempo de Píndaro, oferecia sérias dificuldades, sendo indispensável conhecer a música, a dança e a poesia, em sua constituição tradicional e em suas regras invioláveis. Consta que tendo Daifanto morrido cedo, Cleódice casou-se com um tebano, célebre flautista, primeiro mestre de música do poeta. Desde Terpandro (32), a lira possuía sete cordas e Píndaro aprendeu a tocá-la e a penetrar em seu caráter sagrado, pois toda a música dessa época era fundamentalmente religiosa. Tocar a lira e aprender música constituiu um sagrado dever a que Píndaro se entregou completamente, adestrando-se na criação e enlace dos ritmos, em discernir que modo poético mais convinha a cada momento e circunstância. A poesia grega, como já tivemos o ensejo de nos referir na introdução, possuía uma riqueza de meios de expressão, sem equivalência em qualquer outra língua, seja antiga, seja moderna. Os dóricos, para aumentar essa complexidade, acrescentavam-lhe a cenificação das odes, com evoluções do côro e danças que enlaçavam a poesia à vida religiosa. E Píndaro sentiu a sua vocação próxima ao sacerdócio, consagrando sua vida à glorificação dos deuses e à exaltação dos heróis, cujos feitos exprimiam, em última análise, a vontade daquêles. Também as poetisas Mirtis e Corina, sobretudo esta última, com seus exemplos e ensinamentos, acordaram e aprimoraram o talento poético-musical do filho de Daifanto. Corina possuía em Tebas uma escola de poesia e se tornou tão célebre que seus concidadãos lhe erigiram uma estátua; compôs cinco livros de poemas heróicos e nacionais, de ritmo e verbo severo, dos quais, infelizmente, restam apenas alguns versos, que, embora escritos em beócio, denotam grande influência do dialeto eólico de Safo. Píndaro, que a princípio se deixava corrigir docilmente por Corina, com o correr do tempo, foi aceitando cada vez menos as restrições que lhe eram impostas, terminando por se transformar em rival de sua mestra, com quem disputou, em Tebas, a primazia do lirismo poético.

Aos vinte anos dirigiu-se a Atenas, onde encontrou grande número de artistas que ali tinham sido reunidos por Pisistrato. Entre seus primeiros novos amigos estavam aquêles

(32) Poeta e músico grego, nascido em Antisa (Lesbos) em fins do século VII a.C.; é considerado o inventor das *Escólias*, canções, báquicas; acrescentou três cordas à lira e sistematizou os cantos até então usados pelo povo.

que haviam aplaudido as odes de Anacreonte. Aí foi discípulo de Lasos de Hermíone e de Apolodoro, aos quais se acrescentou Agátocles. Lasos, considerado o primeiro crítico musical conhecido, possibilitou a Píndaro todos os segredos dos mais diversos efeitos da harmonia. A técnica de Píndaro é considerada logo de início tão perfeita que entre a sua primeira ode (Pítica X, composta em honra a Hípcles de Tessália, vencedor do duplo estádio), quando tinha mais ou menos vinte anos, e a sua última (Olimpica III, dedicada a Hierão de Agrigento), não existem diferenças fundamentais e até a própria representação das idéias se faz da mesma forma.

Píndaro viajou muito pela Grécia, pois tinha grande prazer em assistir aos Jogos, nos quais hauria a inspiração para compor as suas odes. E da mesma forma que os escultores apresentavam os atletas não durante as lutas, mas após a vitória, também Píndaro cantava não o combate, mas a glória de seu vencedor.

As guerras médicas ocorreram durante a vida de Píndaro e Tebas foi acusada de aliar-se ao inimigo invasor, traíndo a causa nacional. Píndaro, tradicionalmente aristocrata, não se identificava com a causa democrática de Atenas, de onde, possivelmente, não se ter convertido em cantor da defesa nacional. O período da segunda guerra médica passou quase todo em Egina, embora cantasse depois o triunfo dos atenienses sobre os persas, fato que lhe valeu recompensas da República e a invocação de Plutarco, quando pretendeu glorificar Atenas (33).

Após a vitória de Salamina, que pôs fim à guerra, tornou-se hóspede quase obrigatório de príncipes e grandes figuras do mundo grego, que reclamavam a sua presença em todas as suntuosas festas. Seus poemas eram disputados a alto preço, porque exigiam não apenas a sua presença, mas também a de um acompanhamento numeroso, representado por músicos, câro e dançarinos. A encenação de seus poemas era algo grandioso, que somente os príncipes e os muito ricos podiam custear. Vencedor nos jogos florais de quantos ousaram disputar-lhe o prêmio de poesia, exceção feita de Corina, que,

(33) — Assim canta Píndaro: “Oh! a esplendorosa cidade em que as fronteiras se coroam de violetas, tu a cantada pelos poetas, baluarte da Hélade, a ilustre Atenas, a cidade divina!...”

no início de sua vida artística, segundo consta, venceu-o por cinco vezes em justas poéticas, obteve de seus contemporâneos honras que a Grécia jamais havia concedido a qualquer mortal. Reis e príncipes fizeram-no comensal de seus festins e a Pitonisa ordenou que o poeta recebesse, em nome de Apolo, a metade das oferendas que se faziam sobre seus altares, e este glorioso privilégio foi declarado hereditário para sua família. Os Anfictiões lhe outorgaram o direito de hospitalidade em tôdas as cidades da Grécia e os versos da VII Olímpica, em homenagem ao pugilista Diágoras de Rodas, foram inscritos em letras de ouro sobre os mármores do templo de Minerva, na cidade de Lindos. Nas festas em honra a Apolo, sentava-se coroado de louros, num trono de bronze e o povo parecia nêle adorar o deus das belas artes. Tebas lhe erigiu, em vida, uma estátua na qual estava representado, tendo uma lira na mão e um diadema na frente.

Píndaro, como os homens ilustres de todos os tempos, teve invejosos que procuraram, com suas infâmias (34) destruí-lo e anular sua magistral obra. As “gralhas estridentes” ousavam insultar à “Ave de Jupiter”. Mas estas mesquinhas de alguns invejosos foram varridas pelo vento encomioso de tôda a Grécia, que protegia o inspirado cantor dos deuses. Píndaro é, se assim se pode dizer, o mais poético de todos os poetas (35).

Píndaro casou-se com uma mulher chamada Megacléa; parece ter enviuvado e casado pela segunda vez com Timoxena. Teve um filho de nome Daifanto, em homenagem ao pai, que assim se chamava, e duas filhas Eumétis e Protómaca. Sua casa, severa como um templo, acolhia seus amigos, discípulos e admiradores, que o veneravam quase como um deus. Sacerdote, poeta e profeta, suas glórias não tiveram limite. Seu discípulo preferido foi Theóxeno, que o encheu de luz e propiciou paz à velhice do magno cantor das Olimpíadas.

Dentre as últimas viagens que realizou, figura uma à Macedonia, onde foi recebido por Alexandre I, avô de Alexandre

(34) — “En todo tiempo, ha habido hombres infames que han tenido en más precioso infamar a los famosos, que hacerse famosos siendo infames”. (“La defensa de Epicuro”).

(35) — “Obras Completas de Píndaro” — Versión de Tomás Meabe — Casa Editorial Garnier Hermanos — Paris.

o Grande, com honrarias e provas de amizade. Meio século depois, Tebas foi saqueada, incendiada e arrasada pelos macedônios, mas, por ordem do próprio Alexandre, que tanto admirava o poeta, sua casa foi respeitada como se de um sagrado templo se tratasse.

Quando a senilidade já o espreitava, buscou o aconchego de sua cidade natal, dispondo-se a nela findar os seus dias. Os príncipes e reis em cuja honra havia cantado como Théron e Hierão, seus rivais como Simônides e Baquilides, seus grandes amigos como Trasíbulo de Agrigento, todos foram desaparecendo, enquanto Píndaro resistia à investida dos anos. Sua morte foi suave como sempre havia desejado: “vencido pelo sono”, aos 80 anos, quando se encontrava sentado no teatro de Argos, descansando suavemente a cabeça nos ombros de Theóxeno (36). Isto ocorreu, segundo alguns no ano 443

(36) — Além das obras já mencionadas, consultámos, para este boquejo sobre a vida de Píndaro, mais as seguintes fontes:

— “The Life of Pindar” — in “The Odes of Pindar” — J. Sandys — William Heinemann Ltda. — London — MCMLVI.

— “Píndaro” in “Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana” — Espasa-Calpe — Madrid — Vol. 44.

— “La fé aristocrática de Píndaro” — in “Lucha y transformation de la nobleza” — Paidea — Los ideales de La Cultura Griega” — Werner Jaeger — Versión de Joaquim Xirau — Fondo de Cultura Económica — México — 1942.

— “Biographie de Pindare” — in “Pindare” — Aimée Puech — Société d'Édition “Les Belles Lettres” — Paris — 1949 — 3eme édition.

— “Pindare” in “Manuel des Études Grecques et Latines” — Fascicule II — “Littérature Grecque” — L. Laurand et A. Laurus — Éditiones A. et J. Picard et Cie — Paris — 1956. “Manuel des Études Grecques et Latines” — L. Laurand — Éditiones A. et J. Auguste Picard et Cie. — Paris — 1953 — Tome I — Pág. 134.

— “Pindar” — in “Classical Literature” — Paul Harvey — Oxford — At The Clarendon Press — 1951 — Págs. 328.

— “Píndaro” in “La Literatura de la Edad de Oro” — “La Vida de Grecia” — Will Durant — Editorial Sudamericana — Buenos Aires — 1945.

— “La lírica coral” in “La Poesía fuera del puro hexámetro”. “Historia de la Cultura Griega” — Jacob Burckhardt — Traducción de Antonio Tovar — Obras Maestras — Editorial Iberia — Barcelona — 1947 (tomo III “El Arte”).

— “Odes de Píndaro” — Traducidas por D. Ignácio Montes de Oca, Obispo de Liñares — Librería de la Viuda de Hernando y Cia. — Madrid — 1893.

a.C. e segundo outros em 441, havendo ainda quem sugira 438. E a notícia correu célere por tôda a Grécia:

Píndaro morrera!...

* * *

Mas a sua poesia o imortalizara!

— “Píndaro — Olímpicas” — Texto de Manuel Fernandez-Galiano — Instituto Antonio de Nebrija — Madrid — 1944.

— “Notice sur Pindare” in “Oeuvres Complètes de Pindare” — “Traduction de C. Poyard — Ouvrage Couronné par L’ Academie Française — Garnier Frères, Librairies — Éditeurs — Paris — 1902.

— “Biographie de Pindare; ses ouvres” in “La Poesie de Pindare et Les Lois du Lyrisme Grec” par Alfred Croiset — Librairie Hachette et Cie. “Paris — 1880.

— “Dates et synchronismes” in “Pindare et Platon” — Édouard des Places, S.J. — Beauchesne et ses Fils — Paris — MCMXLIX.

— “Pindare” in “Histoire de la Literature Grecque” par Alfred Croiset — Albert Fontemoing, éditeur — Paris — 1898 — Vol. II.

Cabe acrescentar que dados biográficos e bibliografia sobre Píndaro poderão ser encontrados nas seguintes obras de referência:

— “Enciclopedia Clásica de Mitología, Religión, Biografías, Literatura, Arte y Antigüedades” — Oscar Seyffert — Libreria El Ateneo — Buenos Aires — 1947.

— “Collier’s Encyclopedia” F.F. Collier & Son — New York — 1953 Vol. 16 — Pág. 60.

— “The Encyclopedia Americana” — American Corporation — New York 1945 — Vol. 22 — Págs. 94/5.

— “The New Standard Encyclopedia” — The University Society Inc. — New York — 1907 — Vol. VIII.

— “The World Book Encyclopedia” — Field Enterprises, Inc. — Chicago — 1953 — Vol. 13 — Pág. 6.341.

— “Chamber’s Encyclopedia” — George Newnes Limited — London — 1950 — Vol. X — Págs. 734/5.

— “The Encyclopaedia Britannica” — The Encyclopaedia Britannica Company, Ltda. — London — 1932 — Vol. 17 — Págs. 933/6.

— “Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti” — Instituto della Enciclopedia Italiana — Roma — MCMXXXV — Vol. XXVII — Págs. 293/6.

— “Dizionario di Cultura Universale e della Lingua Parlata”. Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi — Milano — Vol. III — Págs. 517.



A Beócia, onde poderemos situar:

Tebas, berço de Píndaro, que tanto a enalteceu.

Orcômeno, cidade natal de Asópico, a quem é consagrada a XIV Olímpica.

Cefiso, o rio sôbre cujas águas reinavam as Graças.

Copaico, o lago que banhava a cidade de Orcômeno.

- “Larousse du XX Siècle” — Librairie Larousse — Paris — Tome V — Págs. 594.
- “Diccionario Enciclopédico Salvat — Salvat Editores, S.A. — Barcelona — 1950 — Tomo X — Págs. 476.
- “Der Grosse Brockhaus” — F.A. Brockhaus Wiesbaden — Wiesbaden — 1956 — Neuter Band — Págs. 201.
- “La Grande Encyclopédie” — Societé Anonyme de la Grande Encyclopédie — Paris — Tome 26 — Págs. 944.
- “Grand Dictionnaire Universel” — Administration du Grand Dictionnaire Universel — Paris — Tome 12e — Págs. 1032.
- “Dictionnaire Encyclopédique Quillet” — Libraire Aristide Quillet — Paris — MCMLII — Vol. N-R — Págs. 3656.
- “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira” — Editorial Enciclopedia, Limitada — Lisboa — Vol. XXI — Págs. 702/3.
- “Encyclopedia Portuguesa” — “Lemos & Cia. Pôrto — Vol. VIII — Págs. 635.
- “Diccionario Enciclopédico U.T.E.H.A.” — Unión Tipográfica Editorial Hispano Americana — México — 1952 — Tomo VIII — Págs. 499
- “Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana” — Espasa-Calpe — Madrid — Vol. 44 — Págs. 944/9.

S u a O b r a

"Pour chaque poème Pindare composait, en même temps qu'une nouvelle melodie, une forme métrique nouvelle".

Laurand et Lauras — *"Littérature Grecque"*.
II, 233

Segundo Croiset (37), as odes triunfais não constituem tôda a obra de Píndaro, mas apenas uma espécie de resumo, embora fiel e harmonioso. Parece fora de dúvida haver o poeta tebano composto um grande número de obras líricas: peãs, hiporquemas, partênios, ditirambos, hinos e encômios — trenos corais e epinícios. Estes últimos — epinícios — estão representados pelas suas odes, algumas vêzes também designadas por hinos triunfais (38).

Não pretendemos realizar um levantamento histórico do texto de Píndaro, como exaustivamente o fez Irigoin (39), mas apenas, no conjunto de sua obra, situar as Olímpicas e, dentre estas, a XIV ode, único objeto dêste trabalho.

A música de Píndaro parece estar irremediavelmente perdida, o que não nos permite sentir, em tôda a sua beleza, as poesias líricas que nos chegaram. Dêlê foi possível restabelecer o esquema métrico, mas não a melodia que as acompanhava, especialmente compostas para cada ode, com o objetivo de ressaltar a beleza das palavras, emprestando-lhes mais ênfase. E a tudo isso, como anteriormente já vimos, há que

(37) — Croiset, A. — *"La Poésie de Pindare et Les Lois du Lyrisme Grec"* — Paris — 1880.

(38) — *"Himnos Triunfales — Píndaro"* — Prólogo, traducción y notas de Agustín Esclasans — Barcelona — 1941.

(39) — Jean Irigoin — *"Histoire du Texte de Pindare"* — Librairie C. Klincksieck — Paris — 1952.

acrescentar a participação do côro e a interpretação coreográfica. Seu estilo, no dizer de Laurand (40), é de uma *audácia extrema*, porque êle é também de uma extraordinária *riqueza de colorido*; é de uma maravilhosa *harmonia*, de uma *sonoridade* poderosa e exuberante, para a qual muito contribuiu o dialeto no qual escrevia Píndaro.

Na composição de uma ode, Píndaro geralmente celebrava: a *vitória*, os jogos nos quais havia sido conquistada; a *origem dos jogos* e as lendas poéticas que lhe diziam respeito; o *país* onde tinham lugar; o *vencedor e sua raça*, a cidade onde êle tinha nascido, e as lendas que a cercavam; os *deuses* que lhe haviam dado a vitória, sobretudo os protetores de sua raça, de sua cidade natal. Como afirma Laurand (41), essas raças eram ilustres, êsses países belos e essas lendas inumeráveis.

As odes de Píndaro, em número de 45, estão repartidas em quatro livros, designados segundo os jogos a cujas vitórias se referiam: *Olímpicas*, com 14 odes; *Píticas*, 12; *Istmicas*, 8; *Neméas*, 11. Há dêsses livros numerosas edições modernas e contemporâneas (42), assim como vários autores sôbre êles escreveram importantes obras (43), a algumas das quais já fizemos referências. O texto grego de que nos valem, e que figura no capítulo seguinte, pertence ao volume de Bowra, edição de Oxford, considerado entre os melhores.

(40) — L. Laurand et A. Luras — “Manuel des Études Grecques et Latines” — Fascicule II — Littérature Grecque — Paris — 1956.

(41) — Idem.

(42) — A. Böckh et L. Dissen — 3 vol in 4.^o Leipzig, Weigel, 1811-1821 (édition critique et commentaire latin, avec les scolies; reste la plus détaillée).

A. Puech, 4 vol. — Paris, Belles Lettres, 1922-1923 (édit. crit. trad. française).

E. Sommer, Paris, Hachette (trd. seulement, mais avec résumé des notes de Böckh et Dissen).

A.B. Drachmann, Édition critique des Scolies. 3e vol. Leipzig, Teubner, 103-1927.

L.R. Farnell, 3 vol. Londres, Macmillan, 1930-1932 (édit. crit. avec trad. et comm. angl.).

C.M. Bowra 2e éd. Oxford, Clarendon-Press, 1947 (édition critique).

A. Turyn, 2.^a ed. Oxford, Blackwell, 1952 (éd. critique).

B. Snell, Leipzig, Teubner, 1953 (éd. critique).

(43) — J. Rumpel — *Lexicon Pindaricum* — Leipzig, Teubner, 1883.

A. Croiset — *La poésie de Pindare* — 3e ed. Paris, Hachette, 1895.

Apreciaremos agora cada um dos livros já referidos.

As Olímpicas

Em número de quatorze estão dedicadas aos seguintes vencedores:

- I — A Hierão de Siracusa — Vencedor na corrida eqüestre — 77.^a Olimpíada, 472 a.C.
- II — A Téron de Agrigento — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada, 476 a.C.
- III — Ao mesmo Téron — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada, 476 a.C.
- IV — A Psáumis de Camarina — Vencedor na corrida eqüestre — 82.^a Olimpíada — 452 a.C.
- V — Ao mesmo Psáumis — Vencedor na corrida de carros puxados por mulas — 78.^a Olimpíada — 468 a.C.
- VI — A Agesias de Siracusa — Vencedor na corrida de carros puxados por mulas — 78.^a Olimpíada — 468 a.C.
- VII — A Diágoras de Rhodes — Vencedor no pugilato — 79.^a Olimpíada — 464 a.C.
- VIII — Ao jovem Alcímidas de Egina — Vencedor na luta — 80.^a Olimpíada — 460 a.C.
- IX — A Efarmoste de Oponte — Vencedor na luta — 81.^a Olimpíada — 456 a.C.
- X — Ao jovem Agesidamo de Locres — Vencedor no pugilato — 74.^a Olimpíada — 484 a.C.
- XI — Ao mesmo Agesidamo — Data incerta.
- XII — A Ergóteles de Himero — Vencedor na corrida de fundo — 77.^a Olimpíada — 472 a.C.
- XIII — A Xenofonte de Corinto — Vencedor na corrida do estádio e no pentatlo — 79.^a Olimpíada — 464 a.C.

E. Romagnoli — *Pindaro* — Florence, Quattrini, 1910.

F. Dornseiff — *Pindars Stil* — Berlin, Weidmann, 1931.

U. von Wilamowitz — *Pindaros*, Berlin — Weidmann, 1922.

G. Norwood — *Pindar* — Berkeley, University of California Press, 1945.

E. des Places — *Pindare et Platon* — Paris, Beauchesne, 1949.

J. Irigoin — *Histoire du Texte de Pindare* — Paris, Klincksieck, 1952.

J. Duchemin — *Pindare poète et prophète* — Paris, Belles-Lettres, 1956.
(Laurand et Luras — Idem).

XIV — A Asópico de Orcômeno — Menino vencedor na corrida do estádio — 73.^a Olimpíada — 488 a.C.

As *Píticas*

Em número de doze são consagradas:

- I — A Hierão de Etna — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada — 3.^o ano — 474 a.C. — *Pítica* 29.^a.
- II — Ao mesmo Hierão — Vencedor na corrida de carros — 75.^a Olimpíada — 4.^o ano — 477 a.C. — *Pítica* 28.^a.
- III — Ao mesmo Hierão — Vencedor na corrida eqüestre — 76.^a Olimpíada — 3.^o ano — 474 a.C. — *Pítica* 29.^a.
- IV — A Arcesilau de Cirene — Vencedor na corrida de carros — 78.^a Olimpíada — 3.^o ano — 466 a.C. — *Pítica* 31.^a.
- V — Ao mesmo Arcesilau — Vencedor na corrida de carros — 78.^a Olimpíada — 3.^o ano — 466 a.C. — *Pítica* 31.^a.
- VI — A Xenócrates de Agrigento — Vencedor na corrida de carros — 71.^a Olimpíada — 3.^o ano — 494 a.C. — *Pítica* 21.^a.
- VII — A Mégacles de Atenas — Vencedor na corrida de carros — 72.^a Olimpíada — 3.^o ano — 490 a.C. — *Pítica* 25.^a.
- VIII — A Aristómenes de Egina — Vencedor na luta — 80.^a Olimpíada — 3.^o ano — 458 a.C. — *Pítica* 33.^a.
- IX — A Telesicrato de Cirene — Vencedor na corrida armada — 75.^a Olimpíada — 3.^o ano — 478 a.C. — *Pítica* 28.^a.
- X — A Hípcles de Tessália — Vencedor no duplo estádio — 69.^a Olimpíada — 3.^o ano — 503 a.C. — *Pítica* 22.^a.
- XI — Ao menino Trasídio de Tebas — Vencedor no estádio infantil — 75.^a Olimpíada — 3.^o ano — 478 a.C. — *Pítica* 28.^a.
- XII — A Midas de Agrigento — Tocador de Flauta — 72.^a Olimpíada — 3.^o ano — 490 a.C. — *Pítica* 25.^a.

As *Neméas*

Em número de onze aos vencedores abaixo:

- I — A Crômio de Etna — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada — 4.^o ano — 473 a.C.

- II — A Timodemo de Atenas — Vencedor no pancrácio — 75.^a Olimpíada — 2.^o ano — 479 a.C.
- III — A Aristóclides de Egina — Vencedor no pancrácio — Data incerta.
- IV — Ao jovem Timasarco de Egina — Vencedor na luta — Data incerta — Até a 80.^a Olimpíada.
- V — Ao jovem Pítias, de Egina — Vencedor no pancrácio — Até a 75.^a Olimpíada — 480 a.C.
- VI — Ao jovem Alcimidas de Egina — Vencedor na luta — Data incerta.
- VII — Ao jovem Sógenes de Egina — Vencedor no pentatlo — 79.^a Olimpíada — 3.^o ano — 461 a.C.
- VIII — A Dínis de Egina — Vencedor na corrida de estádio — Até 80.^a Olimpíada — 460 a.C.
- IX — A Crômio de Etna — Vencedor da corrida de carros — 77.^a Olimpíada, primeiro ano — 472 a.C.
- X — A Tieu de Argos — Vencedor na luta — Data incerta.
- XI — A Aristágoras de Tênedos, Pritane — Data incerta.

As Ístmicas

Em número de oito, consagradas a:

- I — A Heródoto de Tebas — Vencedor na corrida de carros — 80.^a Olimpíada — 3.^o ano — 478 a.C.
- II — A Xenócrates de Agrigento — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada — 1.^o ano — 476 a.C.
- III — A Melisso de Tebas — Vencedor na corrida de carros — 76.^a Olimpíada — 3.^o ano — 474 a.C.
- IV — Ao mesmo Melisso — Vencedor no pancrácio — Data provável — 75.^a Olimpíada — 3.^o ano — 480 a.C.
- V — A Filácidas de Egina — Vencedor no pancrácio infantil 476 a.C.
- VI — Ao mesmo Filácidas — Vencedor no pancrácio — 383 — 1.^o ano ou 480 a.C.
- VII — A Estrepsiadas de Tebas — Vencedor no pancrácio — 81.^a Olimpíada — 1.^o ano — 456 a.C.
- VIII — A Cleandro de Egina — Vencedor no pancrácio — 75.^a Olimpíada — 2.^o ano — 478 a.C. (44).

(44) — Na tradução de Agustín Esclasans, sob o título “Himnos Triunfales” — Editorial Iberia — Barcelona — 1946, falta a Ístmica VIII, estando truncadas as VI e VII, possivelmente por um lapso de composição ou paginação, o que diminui a expressão que a obra pudesse ter.

Além das odes que acabamos de enumerar, existem os fragmentos, que Aimée Puech (45) nos apresenta na seguinte ordem:

- 1.º — fragmentos de Odes triunfais perdidas;
- 2.º — fragmentos de outros livros:
 - a) — Hinos;
 - b) — Peãs;
 - c) — Ditirambos;
 - d) — Prosódias;
 - e) — Partênios;
 - f) — Hiporquemas;
 - g) — Elegias;
 - h) — Trensos.
- 3.º — fragmentos de origem incerta;
- 4.º — fragmentos de autenticidade duvidosa;
- 5.º — Index locorum ad verba vel dicta quaedam Pindari pertinentium.

Escapa ao interesse fundamental d'este trabalho a análise de tais fragmentos, onde existem alguns de origem incerta e outros de autenticidade duvidosa.

A obra de Píndaro é imensa, belíssima e indelével.

(45) — "Pindare". Tome IV. "Isthmiques et Fragments". Paris — 1952.



Auriga de Delfos — (475 a.C. — Museu de Delfos)

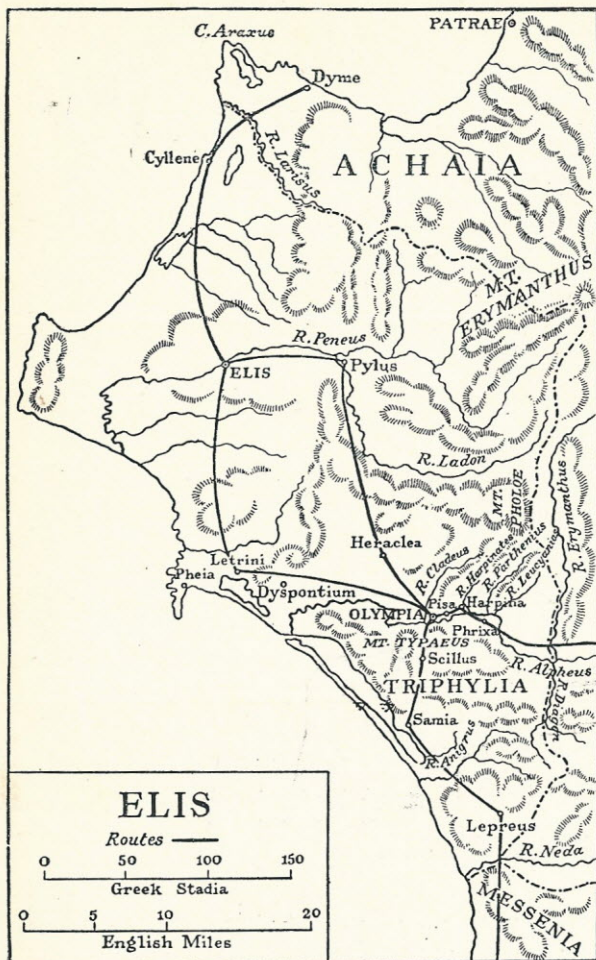
«Les princes grecs de Sicile entretenaient des écuries de course renommées: pendant tout le premier tiers du Ve siècle, Pindare et Bacchylide célébrèrent à maintes reprises les victoires, olympiques et pythiques, de leurs quadriges.»

(«Les Trésors de Delphes» — G. Miré et P. de la Coste — Messelière).

**A XIV OLÍMPICA E SUA INTERPRETAÇÃO
HISTÓRICA**

“... como en la bellissima oda (01.XIV)
en que, con motivo de la victoria de un
orcomenio, se celebra el culto de las Cá-
rites en Orcómeno”.

Burckhardt (Historia de la Cultura
Griega — III,263).



A Elida

11

Nesta região foram realizados os Jogos Olímpicos a cujos vencedores são consagradas as «Olímpicas» de Píndaro.

A XIV é dedicada a Asópico.

«Quando vires Cleodamo, dize-lhe que, perto do famoso vale de Pisa, a coroa de louros, conquistada em nobres jogos, cingiu a fronte de seu jovem filho.»

A XIV Olímpica

"La XIV Olympique est le plus gracieux et le plus frais des poèmes inspirés à Pindare par les victoires d'adolescents".

Aimée Puech — ("Olympiques" — I, 225)

De tôdas as Odes de Píndaro, talvez nenhuma tenha merecido tantos elogios como a dedicada a Asópico de Orcômeno. É leve, graciosa e harmônica, com uma fôrça capaz de fazer vibrar as cordas de nossa sensibilidade, comunicando-nos aquêlê lirismo que personificou o grande poeta tebano.

"Horace déclare Pindare inimitable" (46) e vinte séculos depois pensamos da mesma forma que o poeta latino, cuja cultura literária e artística fôra aprofundada e consolidada em Atenas. Quantos visitam essa cidade não podem deixar, como também conosco ocorreu, de sentir a magnitude da cultura grega, evolvendo-se de cada milenar bloco de mármore, seja um templo, um teatro ou um estádio.

O argumento da XIV Olímpica está representado pela invocação, que o poeta realiza em ardente súplica, às Graças (47) que reinam sôbre o Cefiso (48), protetoras de Orcôme-

(46) — Croiset, A. — "La Poésie de Pindare et Les Lois du Lyrisme Grec" — Paris — 1880.

(47) — Denominação latina pela qual são conhecidas as *Cárítas*, divindades da Beleza, que distribuíam alegria pela Natureza, pelo coração dos homens e mesmo dos Deuses. Habitavam o Olimpo em companhia das nusas com quem formavam côro. São representadas como três irmãs, chamadas Eurírosina, Talia e Aglaia; eram filhas de Zeus e se lhes atribuía tôda sorte de influências sôbre os trabalhos do espírito e as obras de arte ("Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine" — Pierre Grimal — Presses Universitaires de France — Paris — 1951).

(48) — Rio da Beócia.

no (49), onde nascera Asópico, capital do antigo reino dos Minios (50), na Beócia, e que se caracterizava pelo culto dessas divindades, gentis e benévolas, que aos mortais concediam talento, beleza e glória. Depois de referir-se a cada uma delas de per si — Aglaia (51), Eufrosina e Talia — enamoradas que se encontravam-do canto e da dança, convida-as a assistirem ao cortejo triunfal, que se aproxima, e a ouvir, em seus versos à moda lídia, cantar a glória de Asópico, por intermédio de quem haviam os Minios alcançado a vitória em Olímpia. Conclui invocando Eco (52) para que mergulhe nas profundezas da terra, até onde Prosérpina (53) vive, para levar a Cleodamo (54), a notícia da vitória de seu filho.

Relativamente à métrica, parece não haver dúvida tratar-se de uma composição *monostrophica*, com duas estrofes iguais, sem *épodo* (55), ou nas quais não foi o mesmo considerado. O metro usado é o *logaédico* (56) e o modo musical, conforme o próprio Píndaro indica, o *lídio* (57). Reduzida a métrica da XIV Olímpica a um esquema, assim podemos representá-la:

(49) — As margens do lago Copaico.

(50) — Nome que tinham os habitantes de Orcômeno, à época de Homero.

(51) — Preferimos o nome *Aglaia*, mais fiel à forma grega, do que *Aglæ*, que nos parece galicismo.

(52) — Nome de uma Ninfa do bosque.

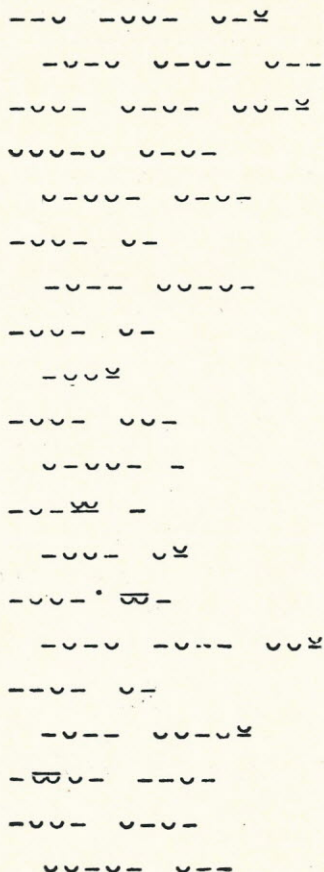
(53) — A *Perséphone* dos gregos, deusa dos Infernos; segundo uma lenda era filha de Zeus e de Styx, a ninfa do rio infernal.

(54) — Pai de Asópico.

(55) — No caso, a última parte de um canto ou de um hino.

(56) — Verso latino ou grego em que o *pé dáctilo* se transforma em *troqueu*. (Dáctilo — Pé de verso, grego ou latino, de uma sílaba longa seguida de duas breves. Troqueu — Pé de verso grego ou latino, composto de uma sílaba longa e outra breve). V. "Métrique Grecque et Latine" in "Manuel des Études Grecques et Latines" — L. Laurand — Tome III — Pág. 749 e segs.

(57) — A música grega hauriu suas formas na Lídia, na Frigia e na Trácia. Segundo nos refere Will Durant, a música da Hélade era executada numa variedade de escalas muito mais numerosa e complexa do que a nossa. A nossa escala diatônica não contém divisões menores de um semi-ton, e doze semi-tons formam a nossa oitava; os gregos usavam o quarto de tom e possuíam quarenta e cinco escalas de dezoito notas cada uma. Essas escalas dividiam-se



Os textos gregos, que consultámos para realizar a nossa tradução em língua portuguesa (58), figuram entre os mais autorizados e poderíamos ter escolhido qualquer dêles (59).

em três grupos: escalas diatônicas, com base no tetracordo Mi, Ré, Do, Si; a cromática, no Mi, Do Sustenido, Do, Si; e a inarmonica, no Mi, Do, Do Bemol, Si. Das escalas gregas, simplificadas, nasceram as da música sacra medieval, destas as nossas.

Dentro do tetracordo diatônico sete tonalidades (harmonias) foram criadas pela afinação das cordas até alterar a posição dos semi-tons da oitava. As mais importantes dessas harmonias foram a dórica (Mi, Fá, Sol, Lá, Si, Do, Ré, Mi), marciais e graves embora em tom menor; a lídia (Do, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si, Dó, suave e lamentosa embora em tom menor; e a frígia (Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si, Do, Ré), em tom menor e orgiicamente apaixonada

Preferimos no entanto o de Bowra, editado pela Universidade de Oxford, que aqui reproduzimos:

ΑΣΩΠΙΧΩΙ ΟΡΧΟΜΕΝΙΩΙ ΣΤΑΔΙΕΙ

στρ. α' Καφισίων υδάτων

λαχοῖσαν αἶτε ναίετε καλλίπωλον ἔδραν,

ὦ λιπαρᾶς αἰοίδιμοι βασιλείαι

Χάριτες Ἐρχομενοῦ, παλαιγόνων Μινῶν ἐπίσκοποι,

5 κλυτ', ἐπεὶ εὐχομαι. σὺν γὰρ ἤμμιν τὰ τερπνὰ καὶ

τὰ γλυκὲ' ἀνεταί πάντα βροτοῖς,

εἰ σοφός, εἰ καλός, εἴ τις ἀγλαὸς ἀνὴρ.

10

οὐδὲ γὰρ θεοὶ σεμνῶν Χαρίτων ἄτερ

κοιρανέοντι χοροῦς οὔτε δαίτας· ἀλλὰ πάντων ταμίαι

10 ἔργων ἐν οὐρανῷ, χρυσότοξον θέμεναι πάρα

Πύθιον Ἀπόλλωνα θρόνους,

αἰέναον σέβοντι πατρὸς Ὀλυμπίου τιμάν.

στρ. β' (ὦ) πότνι Ἀγλαία

φιλησίμολπέ τ' Εὐφροσύνα, θεῶν κρατίστου

20

15 παῖδες, ἐπακοῦίτε νῦν, Θαλία τε

ἐρασίμολπε, ἰδοῖσα τόνδε κῶμον ἐπ' εὐμενεῖ τύχῃ

κοῦφα βιβῶντα· Λυδῷ γὰρ Ἀσώπιχον τρόπῳ

ἐν μελέταις τ' αἰείδων ἔμολον,

οὔνεκ' Ὀλυμπιονίκος ἂ Μινύεια

20 σεῦ ἔκατι. μελαντειχέα νῦν δόμον

Φερσεφόνας ἴθι, Ἀχοί, πατρὶ κλυτὰν φέροισ' ἀγγελίαν, 30

Κλεόδαμον ὄφρ' ἰδοῖς, νῖδν εἴηης ὅτι οἱ νέαν

κόλποις παρ' εὐδόξοις Πίσας

ἔστεφάνωσε κυδίμων ἀέθλων πτεροῖσι χάλταν.

e agreste. ("Vida de Grecia" — I, 344). Na pintura que ilustra uma Ânfora Ática do século V a.C., existente no Museu de Boston, vê-se um tocador de lira simétrica (kithara); sua mão direita vibra as cordas com o auxílio de um plectro, a mão esquerda amortece certas cordas. (V. "La Musique des Origines a nos Jours" — Norbert Dufourcq — Librairie Larousse — Paris — 1946 — Págs. 18-20.

(58) — Parece ser a nossa a primeira tradução da XIV Olímpica de Píndaro, que se publica em língua portuguesa.

(59) — "Pindare" — Aimée Puech — Texto em grego e notas em francês.

"The Odes of Pindar" — Sir John Sandys — Texto em grego e notas em inglês.

Uma tradução em versos, obedecendo ao esquema métrico de Píndaro, seria o ideal, mas isso é irrealizável, pois a acentuação tônica das palavras não o permitiria, mesmo no caso dos vocábulos de origem grega; sabemos que na sua passagem ao português, tendo o latim como intermediário, essa acentuação tônica foi deslocada de uma para outra sílaba. É verdade que D. Ignácio Montes de Oca (60) fez uma versão poética em língua espanhola, mas em versos decassilábicos, composição monostrófica, seis estrofes, rimas AACBBC. Embora de real mérito literário, as estrofes possuem esquema métrico que, nem de leve, se pode aproximar do pindárico. E foi esta a razão pela qual preferimos, tão fiéis quanto possível ao texto grego, realizar uma tradução em prosa, dando-lhe, pela cuidada escolha das palavras, um tom melódico e um aspecto lírico.

Ei-la:

XIV *Olimpica*

A Asópico de Orcómeno

Oh! vós que reinais sôbre as águas do Cefiso, cujas margens nutrem árdegos corcéis! Oh! Graças, rainhas da brilhante Orcómeno, protetoras dos antigos Miníios, ouvi minha fervente súplica! Se alguma doçura e encanto na vida dos mortais existe, a vós o devem. Sois vós que concedeis o talento, a beleza, a glória! Os próprios deuses não podem ter danças ou festins, sem a presença das augustas Graças. São elas que tudo ordenam no Céu; em seus tronos sentadas, ao lado de Apolo Pítio empunhando seu áureo arco, veneram a excelsa glória de seu pai, Deus do Olimpo.

Oh! tu, augusta Aglaia, e tu, Eufrosina, que amais a dança e o canto, filhas do mais poderoso dos deuses, ouvi-me agora; e tú, também, Talia, que enamorada estás do canto e da dança; contemplaí êste cortejo, que ligeiro se aproxima na alegria do triunfo. Em meus versos, à moda lídia, a glória de Asópico venho cantar, a Asópico a quem a raça dos

"Píndaro — Olímpicas" — Manuel Fernandez-Galiano — Texto em grego e notas em espanhol.

"Pindari Carmina cum fragmentis" — C.M. Bowra — Texto em grego e notas em latim.

(60) — "Odas de Píndaro" — Madrid — 1893.

Mínios deve o triunfo de Olímpia. E tu Eco, desce às profundezas onde habita Prosérpina e leva ao pai dêsse menino a tão gloriosa noticia. Quando vires Cleodamo, dize-lhe que, perto do famoso vale de Pisa, a coroa de louros, conquistada em nobres jogos, cingiu a fronte de seu jovem filho.

* * *

Glória também a Píndaro, que glórias tantas cantou!

Sua Interpretação Histórica

"La última de las Olímpicas es quizá la más bella de todas y ha encontrado admiradores numerosos en todos los tiempos".

Fernandez-Galiano — "Olímpicas" — II, 125

Perdura um pouco de dúvida, quanto à data certa em que teria sido composta a ode que canta a vitória de Asópico, mas os escoliastas parecem inclinar-se pela 76.^a Olimpíada, o que corresponderia ao ano 476 a.C., ano famoso em que também venceram Hierão, Têron e Agesídamo. Ocorre, porém, que o famoso papiro de Oxirrínco, refere outros nomes como vencedores dessa prova, não apenas na 76.^a, como ainda na 75.^a, 77.^a e 78.^a Olimpíadas; assim restariam as Olimpíadas 71.^a, 72.^a, 73.^a, 74.^a ou 79.^a entre as quais se poderia situar Asópico, como vencedor no estádio infantil. Gaspar, após várias conjecturas, admitindo que o primeiro algarismo da dezena esteja certo, atribuindo a dúvida a um possível erro do copista, quanto ao segundo algarismo, o que parece bem provável. Nestas condições, opta pela 73.^a Olimpíada, que corresponderia ao ano 488 a.C., quando Píndaro teria mais ou menos trinta anos de idade.

Sabemos que as Olimpíadas foram restabelecidas no ano 776 a.C., com a realização de uma única prova — o estádio — a qual outras foram sendo acrescentadas. Pausânias (61) nos dá a certeza de que havia provas infantis nos Jogos Olímpicos, realizados anteriormente à época em que viveu (62), pois descreve numerosas estátuas de meninos vencedores, existentes em várias das cidades por onde passara.

(61) — "Description of Greece" with an english translation by W.H.S. Jones, Litt. D. — William Heinemann Ltda. London — MCMLIV.

(62) — Não se têm informações exatas sobre as datas de nascimento e morte de Pausânias, mas sabe-se que viajou pela Grécia e escreveu seu livro no século II de nossa era.

Mas o testemunho do autor de "Descrição da Grécia" é do século II de nossa era, pois o seu livro V, que faz referência ao assunto, parece ter sido escrito no ano 174 d.C. Seus conhecimentos topográficos provêm de suas próprias viagens, raramente se tendo utilizado de trabalhos de seus predecessores; suas informações históricas no entanto são reais, derivando geralmente de boas fontes.

Assim, a existência de provas atléticas infantis nos antigos Jogos Olímpicos é fato fora de dúvida e Pausânias o confirma objetivamente com as estátuas que descreve, sobretudo no livro V.

Mas qual o documento mais antigo, historicamente idôneo, de que nos poderíamos valer para comprovar a existência de provas atléticas infantis nos Jogos Olímpicos?

Esse documento, insuspeito, fiel, irrefutável é a XIV Olímpica de Píndaro, cujo valor histórico precisa ser reconhecido, da mesma forma que enaltecida foi a sua importância lírica.

Píndaro não foi, portanto, apenas o poeta lírico que cantou os Jogos Gregos, mas também o historiador que nos propiciou a fonte segura de que, já no início do século V a.C., as provas atléticas infantis figuravam nos Jogos Olímpicos.

E quando Pierre de Coubertin envidou seus esforços para restabelecer o cerimonial dos Jogos Olímpicos Modernos (63), os primeiros dos quais realizados no ano de 1896, em Atenas, não pensou sequer na inclusão de provas infantis e juvenis, com as quais, outrora, os gregos preparavam a têmpera de caráter, a destreza e a coragem dos campeões de que tanto a Hélade se orgulhava.

Não resta, pois, dúvida sobre
o real valor histórico da XIV Olímpica de Píndaro.

(63) — "The Story of the Olympic Games" — John Kieran — J.B. Lippincott Company — Philadelphia — 1936.

CONCLUSIONES

"La poesía de Píndaro es difícil. Sus bruscas transiciones de tema, sus rápidas alusiones mitológicas, el orden tan complicado de sus palabras y la dificultad de captar el verdadero alcance de sus juicios éticos, hacen de él, al pronto, el más complicado de los poetas griegos".

(Bowra — "Historia de la Literatura Griega")



Apolo (460 a.C. — Museu de Olímpia).

«Apollon dominant la mêlée des Centaures et des Laphites. Il est intéressant de comparer au visage du Zeus d'Histiaea les traits larges, presque jusqu'à l'excès, de cet Apollon, dont la bouche frémissante indique une force violente difficilement matrisée».

(«La Sculpture Grecque» — J. Charbonneaux).

I — Píndaro viveu durante a transição do período arcaico ao clássico da cultura grega e foi o mais festejado dos poetas de seu tempo (século VI-V a.C.).

II — A vida do grande lírico esteve dedicada, quase inteiramente, a cantar as glórias dos vencedores dos Jogos Olímpicos, Ístmicos, Nemeus e Píticos.

III — A obra do cantor tebano está representada principalmente pelas suas odes, reunidas sob os títulos de Olímpicas, Ístmicas, Neméias e Píticas, totalizando 45 composições completas, além dos fragmentos, por sinal bastante numerosos.

IV — A XIV Olímpica é dedicada a Asópico de Orcômeno, vencedor no estádio infantil, cuja vitória Píndaro enaltece.

V — A tradução que realizámos para a supra citada ode, baseou-se no texto grego do livro de Bowra, edição de Oxford, considerada uma das melhores no gênero.

VI — Ante a impossibilidade de apresentar uma tradução poética fiel ao esquema métrico de Píndaro, optámos por uma tradução em prosa, dando-lhe, pela cuidada escolha das palavras, tom melódico e aspecto lírico.

VII — De acôrdo com o papiro de Oxirrinco e segundo a interpretação de Gaspar, a prova do estádio infantil vencida por Asópico estaria situada na 73.^a Olimpíada, que corresponderia ao ano 488 a.C.

VIII — Pausânias, cujo livro V data do ano 174 d.C., descreve numerosas estátuas de vencedores infantís e juvenís, erigidas em várias das cidades por onde passara, confirmando, assim, a existência, nessa época, de provas atléticas para meninos e adolescentes, na programação das Olimpíadas.

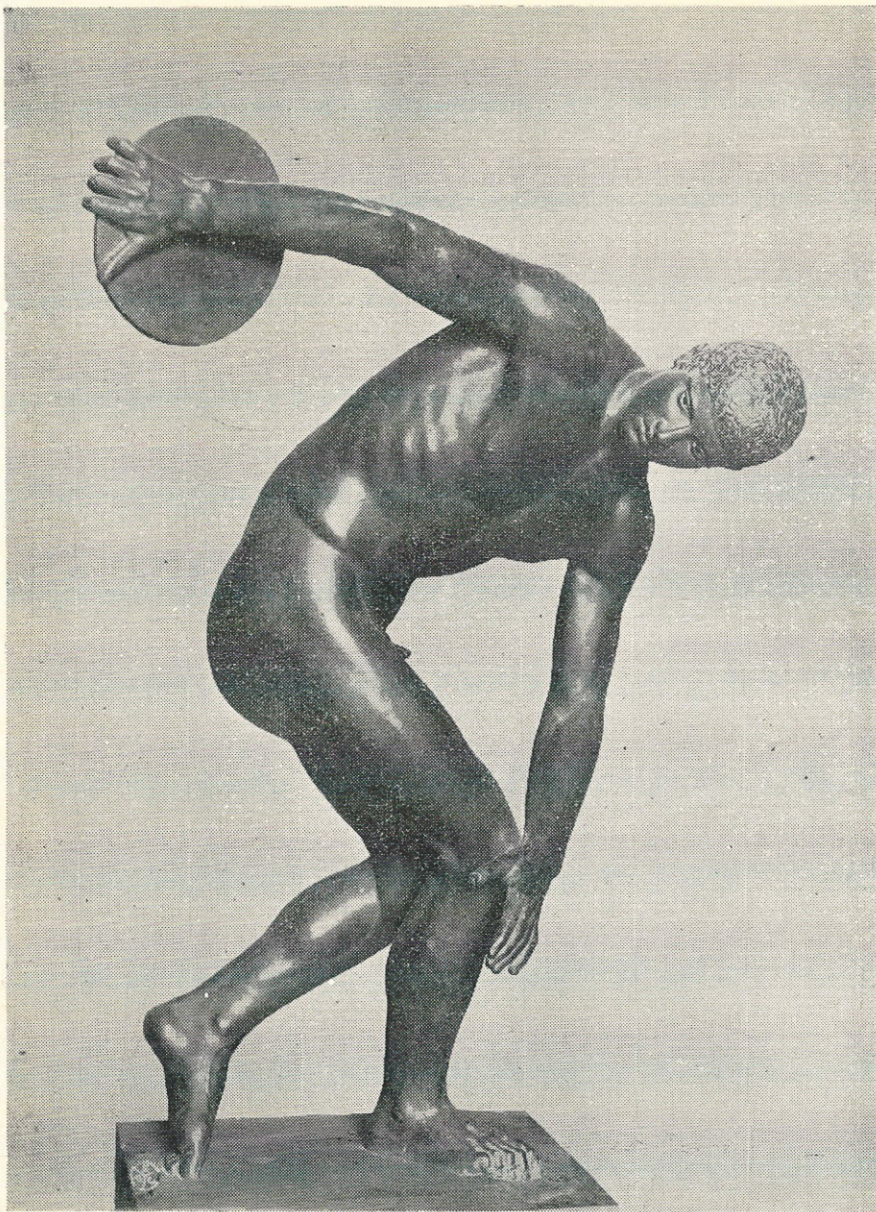
IX — Quando os Jogos Olímpicos da era moderna foram instituídos, os primeiros dos quais realizados em 1896, na cidade de Atenas, as provas infantís e juvenís, nem sequer simbòlicamente, foram incluídas na sua programação, fato que ainda hoje se observa.

X — A XIV Olímpica constitúi documento insuspeito, fiel e irrefutável da existência de provas infantís nos jogos Olímpicos do século V a.C.

XI — Píndaro não foi, portanto, apenas o poeta lírico que cantou os Jogos Gregos, mas também o historiador que nos forneceu essa fonte segura.

XII — Não resta, pois, dúvida sòbre
o real valor histórico da XIV Olímpica de Píndaro.

BIBLIOGRAFIA



Discóbulo de Miron (450-440 a.C. — Museu de Munich).
Símbolo da Educação Física.

«Composition savamment équilibrée, le disque formant contrepoids à la tête, le torse arbitrairement présenté de face, de manière à développer le magnifique relief d'une musculature harmonieusement ordonnée.»

(«La Sculpture Grecque» — J. Charbonneaux).

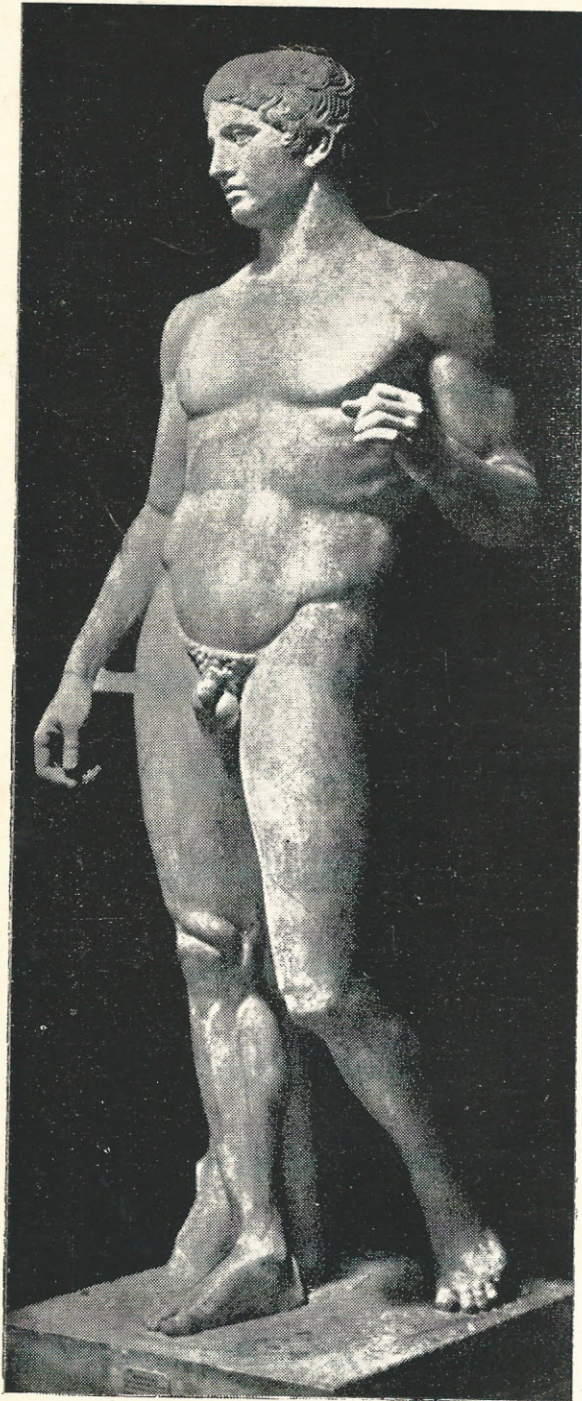
- Albani, E. — "Pindarus — Le odi" — Como — 1862.
- Bowra, C.M. — "Pindari Carmina cum fragmentis" — Oxonii-Londini — MCMXXXV.
- "Historia de la Literatura Griega" — México — 1950.
- Bréhier, E. — "Historia de la Filosofia" — Buenos Aires — 1944.
- Burckhardt, J. — "Historia de la Cultura Griega" — Barcelona — 1947 — (5 vols.).
- Cataudella, Q. — "Historia de la Literatura Griega" — Buenos Aires — 1954.
- Cerrato, L. — "Le odi Píndaro" — Bruzzone — 1918.
- Charbonneaux, J. — "La Sculpture Grecque" — Paris — 1950.
- Cheney, S. — "A World History of Art".
- Croiset, A. — "La Poesie de Pindare et Les Lois du Lyrisme Grec" Paris — 1880.
- "Histoire de la Littérature Grecque" — Paris — 1898 — (5 vols.).
- Curtius, J. — "Gramática Griega" — Bs. As. — 1951.
- Dufourcq, N. — "La Musique des Origines a nos jours" — Librairie Larousse — Paris — 1946.
- Durant, W. — "La Vida de Grecia" — Bs. As. — 1945 — (2 vols.).
- Esclasans, A. — "Píndaro — Himnos Triunfales" — Barcelona — 1946.
- Fernandez-Galiano, M. — "Píndaro — Olímpicas" — Madrid — 1944 — (2 vols.).
- Flammarion — "Histoire Générale de l'Art" — Paris — 1950 — (2 vols.).
- Fleury, E. — "Compendio de Fonética Griega" — Barcelona — 1951.
- Gauthier, J. — "Historia Gráfica del Arte" — Buenos Aires — 1950.
- Guex, F. — "Histoire de l'Instruction et de l'Éducation" — Lausanne — 1906.
- Halphen, L. et Sagnac, P. — "Les Premières Civilisations" — Paris — 1950.
- Harvey, P. — "Classical Literature" — Oxford — 1951.
- Hatzfeld, J. — "Histoire de la Grèce Ancienne" — Paris — 1950.
- Heródoto — "Los Nueve Libros de la Historia" — Barcelona — 1955 — (2 vols.).
- Horace — "Odes et Épodes" — Paris — 1954.
- Hubert, R. — "Histoire de la Pédagogie" — Paris — 1949.
- Irigoin, J. — "Histoire du Texte de Píndare" — Paris — 1952.

- Jaeger, W. — *Paidéia — Los Ideales de la Cultura Griega* — México — 1942 — (3 vols.).
- Jenofonte — *“Historia Griega”* — Barcelona — 1956 — (2 vols.).
- Kieran, J. — *“The Story of the Olympic Games”* — Philadelphia — 1936.
- Kretschmer P. — *“Introducción a la Linguística Griega y Latina”* — Madrid — 1946.
- Labriollet, P. et Villeneuve, F. — *“Juvenal-Satires”* — Paris — 1951.
- Laurand, L. — *“Manuel des Études Grecques et Latines”* — Paris — 1953. — (4 vol.).
- Laurand, L. et Lauras A. — *“Manuel des Études Grecques et Latines”* — Fascicule II — *“Littérature Grecque”* — Paris — 1956.
- Loniceru, L. — *“Pindari poetae Vetystissimi, lyricorum facile principis, Olympia Pythia, Nemea, Isthmia”* — Basilaee.
- Marrou, H. I. — *“Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité”* — Paris — 1955.
- Meabe, T. — *“Obras de Píndaro”* — Paris.
- Messer, A. — *“Historia de la Pedagogía”* — Barcelona — 1930.
- Miré, G. et Coste — Messelière — *“Les Trésors de Delphes”* — Paris — 1950.
- Monroe, P. — *“Historia de la Pedagogia”* — Madrid — (4 vols.).
- Montée, P. — *“Quis et qualis Pindarus Moralium”* — Parisus — 1860.
- Montes de Oca, I. — *“Odas de Píndaro”* — Madrid — 1893.
- Núñez de Arena, M. — *“História de la Filosofía Europea”* — Madrid — 1914.
- Paris, P. — *“La Escultura Antigua”* — Buenos Aires — 1945.
- Pausânias — *“Description of Greece”* — London — 1954 — 5 vols.).
- Pfances, E. — *“Pindare et Platón”* — Paris — MCMXLIX.
— *“Le Pronom chez Pindare — Recherches Philosophiques et critiques”* — Paris.
- Platón — *“Obras Completas”* — Buenos Aires — 1946 — 4 vols.).
- Plutarco — *“Vidas Paralelas”* — Barcelona — 1951 — (4 vols.).
- Poyard, C. — *“Oeuvres Complètes de Pindare”* — Paris — 1902.
- Puech, A. — *“Pindare”* — Paris — 1922 — (4 vols.).
— *“Pindare”* — Paris — 1949 — (4 vols.).
— *“Olympiques”* — Paris
— *“Pythiques”* — Paris — 1951
— *“Néméennes”* — Paris — 1952.
— *“Isthmiques”* — Paris — 1952.
- Ramsay, G.G. — *“Juvenal and Persius”* — London — 1950.
- Rose, H.J. — *“A Handbook of Greek Literature from Homer to the Age of Lucian”* — London — 1956.
- Sachs, C. — *“Historia Universal de los Instrumentos Musicales”* — Buenos Aires.
— *“História Universal de la Danza”* — Buenos Aires.

- Sandys, J. — “The Odes of Pindar” — London — 1946.
Valois, R. — “Les Origines des Jeux Olympiques” — Paris — 1926.
Villegas, F.Q. — “Obras Completas” — Barcelona.
Werner, C. — “La Philosophie Grecque” — Paris — 1946.
Wilcken, U. — “Historia de Grecia” — Madrid — 1951.
Windelban, W. — “La Filosofía de los Griegos” — México — 1948.
“Les Pythiques” — Par une société de professeurs et d'hellénistes — Paris
— 1887.
“The Oxford Book of Greek Verse” — Oxford — 1951.

Obras de referência:

- Collier's Encyclopedia — New York — 1953.
Chamber's Encyclopedia — London — 1950.
Der Grosse Brockhaus — Wiesbaden — 1956.
Diccionario Enciclopédico Salvat — Barcelona — 1950.
Diccionario Enciclopédico U.T.E.H.A. — México — 1952.
Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine — P. Grimal — Paris 1951.
Dictionnaire Encyclopédique Quillet — Paris — MCMLII.
Dizionario di Cultura Universale e della Lingua Parlata — Milano.
Enciclopedia Clásica de Mitología, Religión, Biografías, Literatura, Arte y Antiquedades — Oskar Seiffert — Buenos Aires — 1947.
Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere et Arti — Roma — MCMXXXV.
Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana — Madrid.
Encyclopedia Portuguesa — Pôrto.
Grand Dictionnaire Universel — Paris.
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira — Lisboa.
La Grande Encyclopedie — Paris.
Larousse du XX Siècle — Paris.
The Encyclopedia Americana — New York — 1954.
The Encyclopaedia Britannica — London — 1932.
The March of Civilization in maps and pictures — New York — MCMLV.
The New Standard Encyclopedia — New York — 1907.
The World Book Encyclopedia — Chicago — 1953.
-



O Doriforo, de
Policleto (440 a.
C. — Museu de
Nápoles).

«Le principal titre du gloire de Polyclète est d'avoir inventé un rythme sculptural satisfaisant à la fois aux lois de l'équilibre et aux exigences de la vie».

(«Histoire Générale de l'Art» — Flammarion).

ÍNDICES

ONOMÁSTICO

- Accioly — 3
 Acrópolis — 19
 Adrasto — 22
 Afrodita — 19
 Agamêmnon — 22
 Agatarco — 20
 Agátocles — 27
 Agesias — 34
 Agesidamo — 34, 47
 Aglaia — 41, 42, 45
 Agrigento — 18, 27, 29, 35, 36
 Albani — 7
 Alceu — 11, 20
 Alexandre — 19, 28, 29
 Alcimidas — 34, 36
 Alvarez — 8
 Anacreonte — 20, 27
 Anaxágoras — 17, 21
 Anaximandro — 17
 Anaximedes — 17
 Andream — 7
 Anfictião — 22, 28
 Antifonte — 21
 Antisa — 26
 Áptera — 19
 Apuleio — 18
 Apolodoro — 20, 27
 Apolo — 14, 18, 19, 22, 28, 45, 50
 Arcesilau — 35
 Arenas — 18, 56
 Argentina — 8
 Argólida — 22
 Argos — 29, 36
 Aristágoras, 36
 Aristóclides — 36
 Aristófanes — 11, 25
 Aristómenes — 35
 Aristóteles — 8, 12, 24
 Arquemoro — 22
 Arriano — 12
 Asia Menor — 11
 Asópico — 31, 35, 40, 42, 44, 47, 51.
 Assos — 19
 Atamante — 22
 Atenas — 11, 18, 19, 24, 25, 26, 27, 35, 36, 41, 48, 52.
 Ática — 11, 18
 Avellaneda — 8
 Baquilides — 21, 29, 38
 Barcelona — 8, 12, 13, 18, 19, 23, 29, 36, 55, 56, 57.
 Basiléa — 7
 Beauchesne — 30
 Beócia — 11, 31, 41, 42
 Berkeley — 34
 Berlim — 34
 Blockwell — 33
 Bösch — 33
 Bosch — 12
 Bowra — 15, 33, 44, 45, 49, 51, 55
 Brouwer — 12
 Bréhier — 17, 55
 Brockhaus — 31
 Bruzzzone — 7
 Buenos Aires — 8, 12, 13, 14, 17, 20, 23, 29, 30, 55, 56, 57
 Burckhardt — 18, 29, 39, 55
 Cálamis, Calâmides — 19.
 California — 34
 Camarina — 34
 Cariátide — 4

- Cárites — 39, 41
Caroto — 22
Cataudellas — 13, 55
Catulo — 20
Cavalcanti — 19
Cefiso — 31, 41, 45
Cimon — 18
Centauros — 50
Ceos — 21
Cerrato — 7
Charbonneaux — 2, 10, 50, 54, 55
Cheney — 20, 55
Chicago — 30, 57
Chipre — 18
Cicero — 21
Cinocéfalos — 25
Cirene — 35
Cleandro — 36
Cleodamo — 40, 42, 46.
Cleódice — 25, 26
Cleone — 16, 22
Collier — 30
Como — 7
Copaico — 31, 42
Corina — 21, 26
Corinto — 16, 22, 34
Coronéia — 18
Coste — 38
Coste-Messelière — 4
Coubertin — 48
Creta — 11, 19
Croiset — 7, 30, 32, 33, 41, 55
Crômio — 35, 36
Curtius — 12, 55
- Daedalea — 9
Daifanto — 25, 26, 28
Dario — 18
DASP — 7
Delfos — 4, 16, 19, 22, 38
Demétrio — 21
Demóstenes — 11
Diadúmenos — 2, 20
Diágoras — 28, 34
Dinis — 36
- Diomedes — 22
Dion Cassio — 12
Dionisio — 12, 14
Dissen — 33
Doriforo — 20
Dornseiff — 34
Drachmann — 33
Duchemin — 34
Dufourcq — 44, 55
Durant — 7, 17, 23, 24, 29, 42, 55
- Eco — 42, 46
Efarmoste — 34
Egina — 27, 34, 35, 36
Egeo — 19
Élida — 22, 40
Empédocles — 17
Epicuro — 28
Eretimos — 25
Ergóteles — 34
Esclasans — 8, 23, 32, 36, 55
Esparta — 24
Espasa Calpe — 31
Ésquilo — 11, 21
Ésquines — 11
Estrabão — 12
Estrepsiadas — 36
Etna — 35, 36
Eubéia — 18
Eufrosina — 41, 42, 45
Eumetis — 28
Eurípides — 8, 11
- Farnell — 33
Fernandez-Galiano — 8, 30, 44,
47, 55
Fidias — 8, 20
Filoctetes — 19
Filácidas — 36
Flammarion — 19, 55
Fleury — 12, 55
Flionte — 16, 22
Florence — 34
Fontemoing — 30
Frigia — 42

- Galvet — 20
Gaspar — 51
Garnier — 30
Gauthier — 20, 55
Giorgetti — 7
Graças — 31, 45
Grécia — 7, 8, 11, 16, 17, 19, 23,
28, 30, 48, 55, 56
Grimal — 41
Guex — 23, 55
- Hachette — 7, 30, 33
Halicarnasso — 12
Halphen — 24, 55
Harvey — 29, 55
Hatzfeld — 24, 55
Heinemann — 19, 29, 47
Hélade — 27, 42, 48
Helicón — 25
Heráclito — 13
Hércules — 22
Hermione — 27
Heródoto — 11, 19, 21, 36, 55
Hesíodo — 11, 12, 25
Hieraion — 19
Hierão — 18, 27, 29, 34, 55, 47
Hímero — 34
Hípocles — 27, 35
Hipócrates — 21
Horácio — 9, 20, 41, 55
Homero — 11, 12, 18, 25, 42
Hubert — 23, 55
- Ibéria — 13, 18, 19, 23, 29, 36
Irigoin — 32, 34, 55
Itália — 19
Iulle — 9
- Jaeger — 1, 18, 21, 29, 55
Jones — 19, 47
Jorro — 18
Juno — 22
Júpiter — 18, 19, 22, 28
Juvenal — 19, 56
- Kieran — 48, 55
Klincksieck — 32
Kretschmer — 12, 55
- Labriollet — 55
Laphitas — 50
Larousse — 31
Larroyo — 18
Lasos — 27
Laurand — 12, 13, 20, 23, 29, 32,
35, 34, 42, 56
Lauras — 12, 13, 29, 32, 53, 54,
56.
Lausanne — 23, 55
Leipzig — 33
Lemos — 31
Leru — 20
Lesbos — 11, 20, 26
Leucipo — 17
Lícia — 19
Licurgo — 22
Lídia — 42
Linares — 29
Lindos — 28
Lisboa — 31, 57
Lisias — 11
Locres — 34
Londres — 19, 29, 30, 53, 47, 55,
56, 57.
Loniceru — 7
Luciano — 12
- Macmillan — 33
Madrid — 8, 12, 18, 19, 23, 30,
31, 45, 55, 56, 57.
Maratona — 18, 21
Marinho — 1, 3, 5
Marrou — 23, 56
Meabe — 8, 28, 56
MEC — 7
Megacléa — 28
Mégacles — 35
Melicerto — 22
Melisso — 36
Messelière — 38, 56
Messer — 23, 56

- México — 18, 29, 55, 57
Micalé — 18
Micon — 20
Midas — 55
Milano — 30, 57
Milciades — 21
Mileto — 17, 18
Minerva — 23
Mínios — 42, 45, 46
Miré — 4, 38
Miron — 19, 54
Mirtis — 26
Mitilene — 11, 20
Monroe — 23, 56
Montée — 7
Montes de Oca — 8, 29, 45
Munich — 54
- Náñez — 17
Nápoles — 58
Nebrija — 12, 30
Neméia — 7
Netuno — 22, 23
New York — 30, 56, 57
Newnes — 30
- Olimpia — 7, 16, 19, 22, 42, 46.
Olimpiada — 28, 34, 35, 36
Olimpo — 41, 45
Oponte — 34
Orcômeno — 22, 31, 35, 39, 41,
42, 44, 51.
Oxford — 13, 29, 35, 51, 55, 56.
Oxirrinco — 47, 51
- Paestum — 6
Palazuelos — 20
Paris — 7, 12, 18, 19, 20, 23, 24,
28, 29, 30, 51, 32, 33, 34, 41, 44,
55, 56, 57.
Parmênides — 13, 17
Pausânias — 19, 47, 48, 51, 56.
Payot — 18, 23, 24.
Pégaso — 19
Peloponeso — 11, 19
Péricles — 7
- Perséphone — 42
Persépolis — 19
Persius — 19, 56
Philadelphia — 48
Picard — 12, 29
Píndaro — 1, 3, 7, 9, 11, 12, 14,
15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22,
23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 34, 38, 40, 41, 44, 46, 47,
48, 49, 51, 52, 55, 56.
Pisa — 16, 22, 46
Pisistrato — 18
Pitágoras — 17, 19
Pítia — 7, 36
Piton — 22
Pitonisa — 28
Places — 7, 30, 34, 53
Platão — 7, 8, 11, 24, 25, 30, 56
Platea — 18
Plutarco — 12, 19, 27, 56
Políbio — 12
Policleto — 2, 19, 23, 58
Polignoto — 20
Pôrto — 31, 57
Pou — 19
Poyard — 7, 30, 56
Pritane — 36
Protágoras — 18
Protómaca — 28
Psáumis — 34
Puech — 7, 8, 22, 23, 29, 33, 37,
41, 44, 56.
- Quattrini — 34
Quillet — 31
- Ramsay — 19, 56
Rio — 7
Robredo — 16
Rodes — 28, 34
Roma — 50, 57
Romagnoli — 34
Romanilos — 19
Rosário — 8
Rose — 56
Rumpel — 33

- Saavedra — 13
Sachs — 13, 14, 56
Safo — 11, 20, 26
Sagnac — 24, 55
Salamina — 18, 27
Salvador — 8
Salvat — 31
Samos — 20
Sandys — 44, 56
São Paulo — 7, 8
Schapire — 20
Seuil — 23
Seyffert — 30
Sicília — 11, 17, 19
Simônides — 21, 29
Sinnis — 23
Siracusa — 18, 34
Sísifo — 22
Snell — 33
Sócrates — 8, 18, 24
Sófocles — 11
Sógenes — 36
Sommer — 33
Styx — 42
Susan — 19
- Tales — 17
Talia — 41 — 42 — 45
Tasos — 20
Tebas — 18, 22, 25, 26, 27, 28,
31, 33, 35, 36.
Telesícrato — 35
Temístocles — 21
Tênedos — 36
Teócrito — 11
Termópilas — 18
Téron — 18, 29, 34, 47
Terpandro — 26
- Teseu — 21, 23
Tessália — 11, 18, 27, 35
Theóxeno — 28, 29
Tieu — 36
Timasarco — 36
Timocreonte — 21
Timodemo — 36
Tóbio — 23
Tovar — 29
Trácia — 18, 42
Trasíbulo — 29
Trasídio — 35
Tucidides — 11, 21
Turyñ — 33
- UB — 7
- Vallardi — 30
Valois — 22, 56
Villegas — 56
Villeneuve — 19, 55
Weigel — 33
Werner — 18, 56
Wiesbaden — 31, 56
Wilamowitz — 34
Wilcken — 19, 56
Windelband — 18, 56
- Xenócrates — 35, 36
Xenófanes — 17
Xenofonte — 11, 19, 34, 55
Xirau — 29
Xerxes — 18
Xuriguera — 19
- Zenão — 17
Zeus — 42.

DAS ILUSTRAÇÕES

| | | | |
|---------------------------|----|------------------|----|
| Apolo | 50 | Cariátide | 4 |
| Atleta coroando-se | 10 | Diadúmenos | 1 |
| Auriga de Delfos | 38 | Discóbulo | 54 |
| Basilica de Paestum | 6 | Elida | 40 |
| Beócia | 31 | Doríforo | 58 |
| | | Grécia | 16 |

G E R A L

| | |
|--|----|
| Prolegômenos | 9 |
| Pindaro | 15 |
| — Sua época | 17 |
| — Sua vida | 25 |
| — Sua obra | 32 |
| A XIV Olímpica e sua interpretação histórica | 39 |
| — A XIV Olímpica | 41 |
| — Sua interpretação histórica | 47 |
| Conclusões | 49 |
| Bibliografia | 53 |
| Índices | 59 |
| — Onomástico | 60 |
| — Das ilustrações | 64 |
| — Geral | 65 |



UFRGS

SABi



05510814

Esta edição, terminada de imprimir no dia 29 de março de 1957, na Tipografia Baptista de Souza (R. Livramento, 103 — Rio de Janeiro), é apenas de 1.000 exemplares, todos em papel *couché*, devidamente numerados e rubricados pelo autor.

Nº

0450

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Sistema de Biblioteca da UFRGS

CONSULTA LOCAL

584 Marinho, Inezil Penna
Interpretação histórica da XIV
olimpíada de píndaro.

Mod.2.3.2

ESEF-UFRGS
BIBLIOTECA